

ASSIGNATURAS
 ANNO. 20\$000
 SEMESTRE.. 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escritorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Agita a alma nacional um fremito de indignação provocada pela farça ignobil que se está representando com inaudito escandalo, na execução da recentissima refórma eleitoral. Já se não disfarçam as tramoias, já não respeitam as apparencias com as fraudes mais grosseiras; chega a ser uma monstruosa ostentação de prepotencia criminosa essa orgia da politica dos governadores, tripudiando sobre os direitos politicos dos cidadãos, para perpetuar esse governo de pandega sem pudor, porque passou em julgado que todas as iniquidades, todos os crimes, todos as velhacarias empregadas para deturparem o voto popular são meios licitos, são armas normaes da politica. E as reclamações dos que alimentam ainda um frouxo raio de esperança na refórma dos costumes politicos, as queixas das opposições heroicas que desprezam o soldo dos donatarios do paiz para se baterem denodadamente pelos principios, apenas despertam um sorriso de mófa, uma careta sarcastica nos homens que teem a responsabilidade da direcção da Republica.

Mas esses embotados pela indifferença ou encascorados no egoismo, incapazes de assimilarem as noções intuitivas do dever civico e da civilisação, incapazes de um bom movimento politico, homens que, das eminencias da omnipotencia, não percebem o que se passa no valle de lagrimas dos contribuintes, oberados de extorsões fiscaes e privados de todos os direitos, não suspeitam que as queixas humilhadas, os protestos timidos, as reclamações reverentes se exacerbam, se avolumam em gemidos, se expandem em clamores que, de um momento para outro, se pôdem concretizar num immenso brado de revolta a despertar do marasmio a magúada alma nacional.

Os symptomas da trebusana rugem soturnos no ambiente nacional,

como um vago arfar de mar revolto em praias longinquas, desconhecidas. Deante dos factos tão eloquentes, tão evidentes para os que teem olhos e orelhas, menos para a surdez hypocrita e a cegueira voluntaria dos interessados, dos que se cevam na corrupção eleitoral, no desmantêllo da sua selvageria, ou prosperam com as suas consequencias deleterias, não será para surprehender um grande impulso de desespero que poderá ser uma dolorosa, uma violenta reivindicação, quando se romperem os diques da tolerancia, quando rebentarem os freios da longanimidade, da paciencia, assoberbando os seus limites naturaes.

Nesse fatal momento, surgirão os protestos dos amigos da ordem que deve ser a submissão incondicional, a todos os descabros; echoarão, rubras de indignação, através das boccas cheias, as ameaças dos perturbados na deliciosa comedia que deve ser perpetua; apparecerão as considerações criteriosas sobre as ambições impacientes, os desvarios da demagogia demolidora em sacrilegos attentados contra o governo benemerito, generoso para os amigos privilegiados, os amigos contentinhos, a cuja obra corruptora jámais oppoz o mais ligeiro correctivo.

Deus nos livre de attingirmos esse extremo sinistro. Quem escreve estas linhas nunca teve a honra de ser preso politico, nunca aspirou titulos de proeminencia ganhos em proficuas *bernardas*, nunca fez por merecer uma amnistia, essa especie de consagração dos politicos profissionaes; viveu sempre amarrado por uma teia de idéas, emaranhado em principios, tolhido pelo fetichismo conservador, consagrado ao culto metaphysico da soberania nacional, confiando se normalizasse o regimen democratico, quando passasse a phase das vacillações dos primeiros passos, os abalos dos erros inevitaveis, os effeitos naturaes da violenta crise inherente a

subita mudança de regimen politico. E por isso mesmo que foi conservador, amigo da ordem, da tolerancia; por isso mesmo que sempre teve repugnancia aos processos de curar um mal com outro mal e appellou para as armas da razão, foi immergindo no esquecimento, como imprestavel, sem utilidade na collaboração da conquista democratica, e a sua vóz sincera, honesta, se perde abafada pelos latidos alviçareiros dos cães que comem, grunhindo de auncia, de gula, para os quaes a Republica foi e deve ser um farto osso. Mas essa entidade, apagada na penumbra do seu desinteresse, recolhida no recato de suas convicções, causada de apontar o perigo aos indifferentes e os meios de previnil-os, adquiriu o direito de dizer a verdade, de indicar os culpados, os parceiros dessa pandega, dessa deturpação das instituições, quando chegar o dia do juizo final, a hora da justiça da separação dos cordeiros pacientes, resignados e dos bodes lubricos que devastaram o pomar promettedor de saborosos fructos.

As situações absurdas são ephemerias, provocam, fatalmente, a reacção restauradora do organismo incompativel com o meio que ellas cream: a reacção contra esse processo fraudulento de compressão dos direitos politicos, virá mais cedo ou mais tarde, operando-se dentro ou fóra da Constituição.

* * *

Pelo que se observa, nestes tristes dias, na capital da Republica, no centro mais culto da nação, nas barbas do governo, pôdem-se avaliar com precisão os desmandos da prepotencia a que a suprema preguiça abandonou cruelmente a sorte de alguns Estados.

Escrevia, ha dias, um jornal carioca:

«Mas para esse escandaloso desvio de titulos e de livros, para essa entrega criminosa que delles se faz a

interessados na fraude e na violencia, não existirá por acaso recurso?»

Ha recurso decisivo, ingenuo collega, mas a doce alminha de que elle depende, de que dependem a força, a estabilidade dessa politica corrupta e vil, erigida em irrisorio sustentaculo da Republica, não se move aos clamores das pedras, ás lagrimas do asphalto das nossas ruas: está immobilizada, como uma mumia, no acôxo das faichas embalsamadas da lisonja; está comprimida pela propria omnipotencia, como um poltrão dentro de uma armadura de heróe.

O possuidor dessa alminha abomina o movimento, é pouco afeiçoado aos assomos patrioticos; não se quer incommodar com as botas de reformador benemerito, prefere alliviar os seus callos nos sapatos velhos da politica dos governadores, chinellos macios, amausados pelos antecessores e deixados no palacio presidencial como um patrimonio das commodidades intimas do supremo eleito do povo.

E, todavia, elle quando quiz, provando mais uma vez que querer é poder, fez coisas boas, coisas excellentes, como essa maguifica execução da parte industrial do seu programma. Elle não quer provar que o poder ainda é o poder e que seria ainda muito facil pôr freio ás baulalheiras, ás violencias dos governadores cynicos, do que fazer a Avenida, construir as obras do porto e remodelar magnificamente a cidade do Rio de Janeiro.

Para libertar a Republica dessa infamissima, dessa torpissima, dessa vergonhosa politica africana, barbara, bastaria um aceno do alto, bastaria se transformasse o eterno sorriso complacente do augusto rosto, numa careta de repugnancia; todos esses traficantes de voto, todos esses defraudadores da soberania nacional, apoiados exclusivamente pela criminosa tolerancia do poder dos poderes, se agachariam submissos e executariam, á risca, essa lei que foi a menina dos olhos do conselheiro Rosa e Silva.

Para terminar citaremos outro trecho do alludido collega:

«Factos de tal natureza e de tal gravidade, com impunidade garantida, é que não só ferem de morte o systema representativo como fazem a ruina do regimen. E, ai de nós, si o

povo se convence definitivamente que nada mais tem a esperar de eleições, por melhores que sejam as leis que as regulem.»

Todo o mundo sente profundamente a verdade amarga dessa previsão, que provoca, apenas, o sarcasmo dos saciados, soberanamente lérdos a esses píos de aves agoureiras, pessimistas de esquina, catões de bobagem..

POJUCAN.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Em seus arazoados anthropologico-etnographicos, Manoel Bomfim estabelece as seguintes proposições:

c) «Esta *diferença dos direitos* (Refere-se a umas phrases de M. Gerente ácerca dos argelinos) esta *diferença dos direitos* consiste em que o colono francez tem direito de despojar o indigena das terras, obrigar-o a trabalhar como assalariado, e envial-o, por intermedio dos *tribunaes repressivos*, para os presidios, quando o indigena recalitra. Agóra, sabem quem é esse indigena—*inferior*, e em nome de cuja inferioridade a França tem o direito de assim proceder? E' o *arabe*. O arabe, cuja civilisação, nos seculos de barbaria da Europa, resumia toda a sciencia e riqueza do mundo occidental!»

Temos ali dois erros formidaveis; o *indigenismo do arabe* no norte da Africa, a grandeza *unica* de sua civilisação no mundo occidental na epocha medieva.

Si Bomfim, para conhecer bem a gente brasileira e latino-americana em geral, se tivesse dado ao trabalho de estudar, o mais possivel, as populações antigas e modernas da peninsula iberica, e mais as da Africa, e mais as da America, não cairia na patetice de suppor os arabes os representantes hoje dos indigenas da Africa do norte, onde se acham as colonias francezas.

O arabe é alli uma minoria apenas e quasi recente.

Abra—Gaston Boissier, *Africa Romana*, e veja o quadro dos povos da região—desde a mais remota antiguidade.

Ficará sabendo que os *berberes*, dos quaes os *kabylas*, os *chanias* e *tuaregues* são ramos, constituiram e constituem o fundo indestructivel da população. «Dans cet immense espace de près de 5.000 kilometres de long, un peuple a vécu *et vit encore*, divisé aujourd'hui en une multitude, de tribus toujours jalouses, souvent ennemies les unes des autres et prêtes à s'en-

tredéchirer, mais qui formaient autrefois une seule nation, et qui *a garde de son ancienne unité une langue commune*, la même qu'il parlait du temps de Jugurtha: ce sont les *berberes* pour leur donner le nom sous le quel les arabes les désignent, ceux que les romains appellaint *maures* et *numides*, c'est á dire le fond indigène au dessus du quel les nations du dehors sont venues s'établir, et qu'elles ont reconvert, sans le détruire.» (*L'Afrique Romaine*, pag. 8).

Claro é que no periodo punico, no romano, no vandalo, no bysantino, no arabe — a população principal foi a dos *berberes*; e si assim foi com esses conquistadores estaveis, por maioria de razão o foi e é com os arabes, gentes nomadas alli, como em terreno a isto adequado.

Tal o motivo pelo qual no seu recentissimo estudo, intitulado — *A França em Marrocos* — o illustre Léou Poinard, no cap. *Les Populations Marocaines*, enumera, como habitantes da região: Os *berberes*, os *monros* (assim considera os *berberes* misturados das cidades), os *judens*, e, no 4º logar, os *arabes nomadas*.

Sr. Bomfim, não seja trapalhão e estude mais os assumptos de que se occupar. Nestas materias, não se improvise, meu caro!

Mistér é estudar, estudar, e ainda estudar?

E se é evidente que o auctor d'*A America Latina* — não sabe nada das gentes africanas, mais evidente ainda é que desconhece completamente o que tenham sido e sejam ainda hoje os arabes.

Na pag. 46 de seu livro dá-nos o arabe — como o *typo perfeito de civilisação guerreira e depredadora*; na pag. 248 nol-o apresenta como *reunindo toda a sciencia do mundo occidental*.

A verdade é que o arabe teve na historia não uma missão creadora e original e sim meramente de *mediação*. O papel creador pertencia, ainda naquella phase, ao genio hellenico.

«Devia caber, escreve um historiador que sabe, devia caber a um povo que tinha sido, durante dois seculos, adversario encarniçado dos gregos, e contra o qual o Occidente devia armar todas as suas forças, um povo que tudo distinguia e separava tanto dos gregos como dos occidentaes, origem, tradições, costumes, lingua, religião, disposições naturaes do espirito, o preencher, máu grado seu, o *papel de mediador* entre os dois herdeiros dessemelhantes do mundo antigo: o imperio do Oriente de um lado e a Europa latina e germanica de outro. Os arabes estavam predispostos para este papel pelas condições geographicas de seu imperio e por sua indole propria. Em menos de cem

annos — este povo que tinha gasto seculos e seculos a amadurecer e cujo despertar foi subito, se tinha espalhado da India aos Pyreneus. Por seus estabelecimentos extremos, estava em contacto com os gregos do imperio e os christãos da Europa occidental. . . Foi á seita christã dos nestorianos, perseguida pelos imperadores de Constantinopla, que coube o merito de *iniciar os arabes* nas lettras *gregas* por intermedio dos syrios. Os kalifas da Syria aprenderam a conhecer e a apreciar a *litteratura grega*; mandaram fazer *traducções* de suas obras primas em syriaco e em arabe. A escola de Edessa, fundada pelos nestorianos na Mesopotomia, foi a *fonte* donde brotou para os arabes a primeira corrente dos conhecimentos da antiguidade.

A Persia foi para elles tambem uma terra de descobertas, porque alli puderam recolher as lições de numerosos philosophos exilados da *escola de Athenas* pelas perseguições de Justiniano. Deve-se, porém, notar que na *opulenta herança hellenica*, os arabes desprezaram propositadamente o que não se referia á *philosophia* e ás sciencias. Quanto aos *monumentos litterarios* propriamente ditos, não os quizeram conhecer, ou porque mestres idoneos lhes tenham faltado para esta parte delicada da obra grega, ou porque a sobriedade e perfeição hellenicar tenham tido poucos attractivos para a exuberancia arabe e a differença dos genios tenia toruado esse commercio importuno e esteril.

Por isso, a *obra de mediação dos arabes* foi diminuida e encurtada. Em vez de darem a conhecer á Europa medieval o *hellenismo inteiro*, elles lhe offereceram uma só parte — o *hellenismo scientifico*. Foi mistér esperar até aos seculos XV e XVI para que o *hellenismo litterario* fôsse mostrado por outras mãos ao Occidente.»

E' pois, evidente que os arabes não estavam sós no terreno scientifico na idade-média. Gregos, bysantinos e syrios christãos competiam com elles numa obra em que o papel dos novos conquistadores não era original, não passava de méra *mediação e propaganda*.

Mas vamos a coisas mais graves. Eis aqui nova proposição :

d) « Pois não vemos, hoje, admitida pela quasi unanimidade (*E' falso*) das anthropologias e ethnologias a *superioridade* dos famosos *dolichocephalos loiros* da Europa—allemães (*E' inexacto; muito dos allemães nem são loiros, nem dolichocephalos*), inglezes (*O mesmo que os allemães; muitos nem são loiros, nem dolichocephalos*), suecos, etc., sobre todos os povos da terra, inclusive os outros da propria Europa? »

Porque as nações por elles consti-

tuidas são, hoje, mais fortes e ricas (*Falso; os noruegueses, suecos e dinamarquezes, e mesmo os hollandezes e flamengos, não são do numero dos mais fortes, posto que os ultimos estejam no numero dos mais ricos*), eil-os proclamados superiores a esses proprios *morenos* do Mediterraneo (*Falso; alli, como na Asia e Africa sempre houve e ha loiros dolichocephalos*), que produziram a civilisação occidental (*Falso*), tudo que nella se encontra de bello e original. Os taes *loiros* seriam superiores á raça donde saíram esses gregos (*Falso; os thracios e os hellenos eram loiros*), os creadores da arte. . . Seriam superiores os taes *dolichocephalos loiros* a estes *latinos*, que instituiram a vida civil, segundo a qual ainda hoje se regem os povos; superiores a esses *povos morenos* donde saíu a moral do amor e da egualdade entre os homens!. Que é que ha no progresso humano que não tenha sido creado por esta *raça morena*, hoje tão detractada? Arte, sciencia, philosophia, direito, moral, tudo *creado* por elles. . . » (Pag. 284).

E' um tecido, u'a malha de erros este trecho.

São taes e tantos que ha até difficuldade em destrinçar esse cipoal!

O sr. Manoel, no seu enthusiasmo pelos *morenos*, quasi chegou ao ponto de entoar a modinha casquilha dos capadocios emeritos :

«Eu gosto da côr morena,
Sempre amena,
Que mimosa me arrebatá;
Essa côr é da faceira,
Feiticeira,
Mulatinha que me mata.»

Foi o que faltou.

Por mais um pouco, em furor laudatorio, Bomfim desandaria no canto predilecto. Mas é preciso fallar serio: não ha nos periodos citados, uma linha certa. Tudo errado.

Attenda o leitor.

Não é verdade que os anthropologos *quasi unanimemente* tenham declarado os *dolichocephalos loiros* da Europa do norte superiores ao resto dos homens.

E' opinião, que eu acceito, mas, infelizmente, não vejo seriamente adoptada sinão por pequeno numero de pensadores, entre os quaes se destacam de Gobineau, Amman, Lapouge, Chamberlain (Não confundir com o famoso politico) e poucos mais, em cujo numero pôde ser incluído o grande Haeckel.

Os ethnologos francezes, italianos, hespanhóes e crescido numero dos slavos, inglezes e até allemães não cogitam dessa opinião ou a repellem resolutamente.

Neste ponto, Bomfim exaggerou de proposito para reduzir ao absurdo a doutrina adversa.

Não é verdade que os *dolichocephalos loiros* do norte sejam hodierna-

mente os mais ricos e por isso os mais fortes.

Os suecos e noruegueses que figuram entre os mais puros typos daquella variedade de gente, nem são os mais ricos nem os mais fortes Estados de hoje. (1)

Os hollandezes e flamengos, entre os quaes superabunda, talvez, o typo, são ricos, mas não são poderosos.

Por outro lado, os allemães, inglezes e norte-americanos, gentes onde os *brachycephalos* e *mesocephalos* occorrem em proporções quasi eguaes aos *dolichocephalos*, são realmente ricos e poderosos.

O mesmo se pôde quasi dizer dos francezes; nestes, a mixtura é um pouco maior: existem *dolichocephalos loiros* ao norte, *dolichocephalos morenos* ao oéste, *brachycephalos morenos* ao centro, *brachycephalos loiros* espalhados, nomeadamente em algumas regiões de léste, o que tudo não impede aquelle paiz de ser forte e riquissimo.

Não é tudo: não é verdadeiro Bomfim, quando entre os *dolichocephalos loiros* enumera os allemães e os inglezes, sem fazer a mais leve restricção, porque os allemães do sul são uns loiros, outros morenos — *brachycephalos* ou *mesocephalos*; os inglezes do oéste são *dolichocephalos*, é certo, na quasi generalidade, porém são morenos. E' o testemunho de Huxley nos seus tres admiraveis ensaios—*Os methodos e resultados da ethnologia, Alguns factos assentes da ethnologia ingleza, A questão aryana e o homem prehistorico*.

Não é só: não é verdade que as gentes *mediterraneas* tenham sido, ou sejam ainda hoje, *morenas*, nem que o tivessem sido ou sejam, até agóra, os *gregos*.

O esquecido Manoel, pelo modo por que falla, parece suppor a existencia dos *malditos loiros* só em o norte da Europa.

Porque não estudou esse joven o assumpto antes de cozer a *America Latina*?

O typo loiro existiu e existe nas tres partes do mundo que formam o chamado antigo continente.

Na Asia sua presença é positiva nas margens do rio Amour; no sudéste da China entre os miaotse; na India, entre os kattes; em Ceylão, entre os cingaleses; nas origens do Ganger, no meio dos bisahuris; no Kaffiristan, na junção do Himalaya e do Hindú-Klio; no Darnistan; entre os kirghis, os ossetas, os abassianos nas vertentes meridionaes do Caucaso (Topinard).

Na Africa, sua existencia é de vulgar noticia nas regiões do norte, na Tunisia, na Algeria, em Marrocos, nas ilhas Canarias e algumas partes do Sahara (Topinard).

São factos consignados na *Anthropologia* deste illustre scientista.

Vejo-os comprovados em Huxley, quando diz: «No tempo em que vivemos, e a despeito da mescla consideravel produzida pelos movimentos da civilisação e pelas mudanças politicas, predominam os homens *morenos* a oeste e os *loiros* a leste e ao norte da Grã-Bretanha. Hoje, como nos mais antigos tempos, os elementos dominantes nas populações ribeirinhas do Mar do Norte e da metade oriental da Mancha — são os homens *loiros*.

O tronco *loiro* segue através de toda a Europa central até ir perder-se no interior da Asia. Ramos deste tronco se estendem pela Hespanha, pela Italia, (pelos Balkans), pela India do norte, pela Syria e norte da Africa até ás Canarias. Fôram, desde remotos tempos, conhecidos dos chios, e, em tempos ainda mais remotos, dos egypcios como tribus das fronteiras. Os thracios (raça hellenica) eram famosos por seus cabellos loiros e seus olhos azues, muitos seculos antes de nossa era.» *O logar do homem na Natureza*, pag. 293, traducção franceza, 1891).

Já vê o sr. Bomfim que essa historia de *loiros* é mais complicada do que lhe approuve phantaziar.

Quem eram esses loiros que lançaram ramos pela Europa do centro, do norte, de leste, do sul, que invadiram a Hespanha, a Italia, a Grecia, a Syria, o Egypto, o norte da Africa, a Armenia, a Persia, a India e até a China e o Turquestan?

Que relação tinham ou teem elles com os arianos? Eram a mesma raça?

Gouineau, o valente defensor do *arianismo*, responde pela affirmativa. (*Essai sur l'inégalité des races humaines*).

Para esse venerando pensador, os *arianos*, raça tão antiga quanto a dos negros, dos amarelos, dos semitas e chamitas, era originaria da Asia occidental, dentre os montes Uráes e o curso superior do Amour, região cortada pelo Yenissei. (*Inégalité des races humaines*, I, pag. 502 e segs.)

Tinha, conforme seu modo de pensar, além das colonias que expelliu para a Europa, para a Persia e para a India, enviado emigrantes para a China e Egypto, elementos esses que não fôram estranhos ás antigas civilisações desses paizes. Mais tarde é que as vagas das gentes amarellas teriam expellido do seu antigo *habitat*, essas populações brancas e loiras, sem que, todavia, tivessem ellas deixado evidentes traços da sua residencia em varios pontos da Asia e Africa.

O grande geographo Ritter era da mesma opinião, mais ou menos identica á de Huxley, que lhes dava por patria a região do continente eurasiatico, que tem por centro os Uráes. O

grande biologo e naturalista britanico estendia, de accordo com Latham, essa patria primitiva ás terras que se estendem ao occidente daquelles montes na direcção para o Volga e mesmo além.

Pelo que diz respeito á Africa, innumerados são os anthropologistas que consideram os loiros da Berberia, como arianos e, por isso, adeanta G. Boissier — *comme on l'a prétendu, les gens du type blond appartiennent aux races aryennes, et sont arrivés de l'Occident par le détroit de gadés. (L'Afrique Romaine, pag. 7).*

Manoel Bomfim faz muito barulho com o *morenismo* de seus gregos, que inventaram a *arte*, e com o *morenismo*, em geral, das gentes mediterraneas, que inventaram a *civilisação*, a *philosophia*, o *direito* e não sei que mais. Aqui é mistér ir um pouco mais de vagar.

Primeiramente, não é verdade que os *gregos* tivessem inventado a *arte*. Isso é um falar incorrecto de gente sem cultura. A *arte* é um patrimonio commum de todos os povos que se civilizaram. Os chios a liveram e a teem; igualmente os japonezes, igualmente os egypcios, os assyrios, os hittitas, os chaldeus, os persas... Ora, sr. Bomfim, queira arrolhar o garrafão.

Depois, não é verdade que os gregos tivessem sido nos aureos tempos de sua civilisação original tão *morenos*, como a Manoel parece, quando exulta a cantar:

«A côr morena
E' côr do ouro;
A côr morena
E' meu thezouro;
E' de meu gosto,
E' da minha opinião,
Hei de amar a côr morena
Com fervor no coração.»

Bomfim toma essas *morenicas*, tão queridas no Brazil, terra de mestiços namorados de si proprios, ao sério.

Quando vi os meus velhos gregos de Homero dados por *morenos* de cabellos negros, assim pouco mais ou menos como os Nerys do Amazonas, puz-me a scismar... Seria possivel que um nobre povo, cujos heróes e cujos deuses fulguram á luz da poesia com *cabelleiras doiradas*, fôsse um agrupamento dos taes *morenos* de Bomfim?

Não, ali havia engano por força.

Si o typo de belleza para o grego, typo por elle encarado nos deuses e nos heróes era de *brancos* de olhos *azues* e cabellos *loiro*, é que esse typo era corrente entre o povo.

O contrario seria absurdo.

Das primeiras paginas da *Illiada*, quando se vê travar o combate entre Agamennon e Achilles, lembrava-me da passagem: «Minerva desce, então, do céu, por ordem de Juno, pára atraz de Achilles, e, visivel só para elle, pega-lhe a *loira cabelleira*. O heróe, to-

mado de susto, volta-se, brillam-lhe os olhos com um fulgor terrivel, reconhece Minerva e diz-lhe rapido: — Para que vens a mim, filha de Jupiter? Vens testemunhar os ultrages de Agamennon? Asseguro-te que seu orgulho lhe fará perder a vida.

A deusa de *olhos azues* responde nestes termos...»

Eis ahi: logo nos primeiros versos da *Illiada* temos um heróe *loiro* e uma deusa de *olhos azues*.

Onde andarão os *morenos* de cabello preto do anthropologista da *America Latina*?

Era só proseguir na leitura; mas lembrei-me de recorrer do magnifico livro de d'Arbois de Jubainville — *La Civilisation des celtes et celle de l'épopée homérique*, onde me lembrava de alguma coisa a respeito.

Effectivamente, na pag. 370, escreve: «Uma parte dos gregos, nessa data (tempos homericos) tinha conservado a cabelleira loura dos povos septentrionaes; tres dos principaes heróes da *Illiada*, Achilles, Ulysses, Meneláu, são loiros como os gaulezes.»

Uma parte, diz Jubainville, a maior parte devia dizer para de melhor accordo ficar com as tradições e os factos.

Em um admiravel ensaio modernissimo, pois que é de 1891, dizia um dos fundadores da anatomia comparada, tão distincto como naturalista quanto como philosopho, o eminente Huxley: «Pelo que diz respeito aos povos que falaram grego e latim, não tenho a preteução de destrinçar a complicada ethnologia da peninsula dos Balkans e de pôr em ordem o cahos da Italia. Quanto á primeira, existem felizmente alguns elementos satisfactorios.

Os antigos thracios eram *loiros de olhos azues*. Os *gran-louros* eram vulgares entre os antigos gregos (*Repare, sr. Bomfim!*), que tinham a cabeça *comprida* (*dolichocephalos*), e os sphakiotas de Creta, os *mais puros* representantes que existem hoje dos antigos hellenos, são altos e *loiros* (Santo Deus, onde andam os *morenos* de Bomfim?)

Os dorios pôdem ter conservado o typo original, e sua famosa migração pôde ser considerada como o primeiro exemplo conhecido desses movimentos da raça ariana que deviam mudar a face da Europa... Em todo caso, os *loiros altos*, de cabeça *comprida* estão tambem representados na mais primitiva historia da peninsula dos Balkans, que se *podem attribuir a elles* as linguas arianas alli faladas.» (*A questão ariana e o homem prehistorico, in Logar do Homem na Natureza*, pag. 324).

E eis a que se reduzem os *morenos* que crearam a *arte* e o *direito*, esses *morenos*, dos quaes *satu a moral do amor e da egualdade entre os homens*, a ponto de nada haver no progresso hu-

mano que não tenha sido inventado por elles !.

«*Arte, sciencia, philosophia, direito, moral, tudo creado por elles*», brada Bomfim (pag. 285).

Este terrivel improvisador de historia e de ethnographia refere-se aos que elle chama os *morenos* do Mediterraneo.

Claro é que se refere ás populações das tres peninsulas sul-européas que, na sua profunda ignorancia, acredita que são e sempre fôram *morenas*.

E porque esconde as creações dos egypcios e dos kuschito-chamitas em geral? E porque occulta as dos semitas, dos judeus, dos assyrios, dos babilonios? Pensará que todos elles eram *morenos*?

E porque nada diz das dos persas e hindús? E porque guarda silencio ácerca dos chins e japonezes? Estarão tambem no numero dos seus *morenos*?

Ora !...

Mas eis agóra outra proposição do escriptor sergipano :

e) «Oliveira Martins quer referir-se á muito falada emigração na Europa das raças vindas dos platós da Asia Central, a celebre theoria aryana, que ninguem hoje acceita...» (Pag. 287, em nota).

Já, em 1878, A. Hovelaque tinha dito com certa rudeza : «On commence aujourd'hui á ne plus parler d'une race aryenne. On commence enfin á reconnaître qu'il y a bien une famille linguistique aryenne (langues de l'Inde du nord, persan, grec, langues romanes, germaniques, slaves, celtiques, lettiques), qu'il existe bien des langues aryennes, mais qu'on ne sauraît parler en aucune façon d'une race aryenne. Nous rencontrons encore çà et là quelques attardés, mais, en somme, sur cette question la lumière est faite et bien faite.» (*Etudes de Linguistique et d'Ethnographie*, par A. Hovelaque et J. Vinson, 1878).

Paul Topinard, em 1900, escrevia : «Il'y a les aryens de la linguistique, mais il n'y a pas de race aryenne, il y a une race française au point de vue de la linguistique, il n'y en a au point de vue de l'anthropologie.» (*L'Anthropologie et La Science Sociale*, pag. 229).

No mesmo anno, J. Deniker, exclamava : «A' un certain moment, que d'Arbois de Jubainville place vaguement à vingt ou vingt cinq siècles av. J. C., l'Europe aurait été envahie par les aryens venant d'Asie, qui imposèrent leurs langues aux autochtones. Le point capital pour l'histoire ethnographique de l'Europe serait donc, suivant les linguistes, l'arrivée des aryens. Mais qu'étaient — ce que ces aryens? Personne ne le sait au juste.» (J. Deniker—*Races et la Terre*, pag. 375.)

Paginas adeante conclúe: «En som-

mes, la question aryenne n'a plus aujourd'hui l'importance qu'on lui prêtait jadis. Tout ce que nous pouvons supposer légitimement, c'est qu'à l'époque, voisine de l'âge néolithique, les habitants de l'Europe ont été *aryanisés au point de vu de la langue*, sans changement notables dans la constitution de leur type physique, ni, probablement, de leur civilisation». (*Op. cit.*, pag. 379.)

Escusado é dizer que todas estas coisas caíram no goto do destemido J. Finot, que as exaggera enormemente no seu livro já citado — *Le Préjugé des Races*. Mas tudo não passa de repetição do que já havia, com criterio e moderação, dito Paulo Broca, desde 1862 em seu estudo — *La Linguistique et l'Anthropologie*, e 1864 — no ensaio — *Sur les Origines des Races d'Europe*. (Vide—*Mémoires d'Anthropologie*, de Paul Broca, I, Paris, 1877.)

Que pensar dessas afirmações, adoptadas com gaudio por Bomfim, que se insurge contra *loiros e aryanos*, como si fôsem seus inimigos pessoaes?

O caso é o seguinte :

Acreditou-se por muito tempo, mais ou menos, sob a influencia de idéas bíblicas, que o antigo continente era habitado pelas tres raças: a *negra* na Africa; a *amarella*, na Asia; a *branca*, na Europa.

Ora, os brancos da Europa não eram sinão *filhos de Japhet*, pois que os outros brancos, isto é, os *filhos de Sem e os de Cham*, estavam relegados para o norte da Africa e para a Asia anterior. A esses supostos filhos de Japhet, que se suppunham exclusivos da Europa, os linguistas juntaram os *aryas* da India e os *iranianos* da Persia. Ao conjuncto dos da Asia e Europa se veio a chamar — *indo-germanicos, indo-europeus*, ou *aryanos*.

Como se vê, era um escorço ethnographico, muito simples, com alguns erros e grande fundo de verdade. A isto se pôde chamar a primeira phase da questão aryana.

Mas, eis que o advento dos estudos anthropologicos, verdadeiramente organizados, abriu desde certo tempo uma brecha no *aryanismo*, si assim posso falar. Retzius, Pruner-Bey e outros comprovaram a existencia na Europa de uma população que diziam *brachycephala*, a que davam o nome de *raça turaniana*, e que tinha sido anterior á invasão dos chamados *aryanos*. E' a segunda phase da questão.

Paulo Broca, principalmente, em França, e Thurnam na Inglaterra — rebateram as idéas de Retzius e discipulos, mostrando ter sido a Europa habitada antes dos famosos *aryanos, dolichocephalos* pelo menos em sua quasi generalidade, não só pelos supostos *turanianos* de Retzius, mas por

outras gentes desconhecidas, anteriores e tambem *dolichocephalas*, como os indo-europeus. Variadas tinham sido as populações prehistoricas da quella parte do antigo mundo. Era a terceira phase da questão. Mas não bastava: Roberto Latham, Omalius d'Halloy, seguidos por Penka, Schrader, Taylor, Huxley, Poesche e outros sabios modernos, atacaram a *origem asiatica* dos aryanos, cuja origem acreditam ter sido a propria Europa. E' a quarta e ultima phase da questão.

Dest'arte, o que se contesta hoje vem a ser: 1º, a unidade das primitivas populações da Europa; 2º, a identificação das primitivas populações com os aryanos; 3º, a pretensão de que todos os que hoje falam linguas indo-européas, pertençam a essa raça aryana, que não devia ter passado duns grupos primordiales cujas linguas irmãs se espalharam sobre povos de outras raças; 4º, a origem *asiatica* dos *aryanos*.

Isto é que se contesta; a existencia, porém, de um *nucleo*, um *grupo*, uma *gente*, um *povo*, distincto de quaesquer outros, fôsse qual fôsse o seu *numero* e fôsse qual fôsse a sua *patria de origem*, é o que ninguem, em bom juizo, poderá, com razão, negar.

Nunca houve aryanos; mas existem linguas aryanas.. Quem as inventou? Teriam caído do céu?

Os habitantes da Europa fôram *aryanisados*, quanto á lingua, assevera Deniker.

Cumpre perguntar: por quem? quaes fôram os auctores dessa *aryanisação*? Teriam brotado das hervas dos campos? Que moveis, que motivos, que factores produziram taes resultados?

Confesso que me parece mais difficil de tragar do que a existencia de uma raça aryana.

E' como si alguém, notando, na Asia, na Africa, na Europa, typos anthropologicos e ethnicos diversos falando *portuguez*, dissesse: essas varias gentes fôram *aportuguezadas quanto á lingua*; ha, pois, uma lingua portugueza, mas não existe um *povo portuguez*.

Não seria uma rematada extravagancia? A *aportuguezação linguista* de negros, vermelhos e amarells — não é devida a um povo, uma nação, que existe alli em carne e osso?

Pois foi em muito maior escala o caso aryano. O mais são reacções francezas contra allemães, repetidas inconscientemente pelos mestiços do Brazil. Origina-se isto do facto de ter havido quem identificasse os aryanos com os *dolichocephalos loiros* do norte da Europa, representados nos *allemães, anglo-saxonios* e scandinavos, com os *dolichocephalos loiros*, com quem os francezes e Bomfins impli-

cam devéras. Não houve mais geito de os conter; não se contentam com o negar a origem asiatica dos *aryanos*, ponto em que tinha ficado a doutrina; negam a *identificação com os loiros* e chegam até a negar a *existencia* do povo aryano. Chegam ao absurdo de afirmar a existencia de um grupo de linguas que não *tiveram donos*, que fôram inventadas pelos passaros.

Sabe-se bem que o criterio linguistico é fallivel no sentido de pretender *que todos que falam a mesma lingua sejam, ipso facto, da mesma raça*. Os que hoje falam inglez por esse mundo em fóra não são necessariamente anglo-saxões; existem gentes *anglicanizadas* quanto á lingua nas cinco partes do mundo. No futuro remoto, quando a Inglaterra tiver deixado de existir, ou se tiver apagado a historia de suas colonisações, os Bomfins de então hão de dizer, deante da diversidade ethnica dos que falarem inglez, qual *anglo-saxões*, qual nada, qual *inglezes*, qual nada, nunca houve semelhante gente: existe, sim, uma *lingua* que se espalhou e nada mais. Pois é o caso dos arianos.

Verdade é que por esse systema chega-se até a contestar a existencia das raças e de todas as variedades entre os homens. Nada mais simples: applica-se o criterio linguistico e verifica-se que, hoje e em varios periodos do passado, houve gentes que impuzeram sua lingua a povos diversos e estes tiveram a esperteza de as acceitar. O resultado é que estes, além da lingua, ficaram com o privilegio da existencia e aquellas se dissiparam como sombras. E sinão vejamos.

Sabido é que as linguas semíticas fôram faladas por gentes dessemelhantes anthropologicamente. Renan deixou dito: «*Cette dénomination (de sémites) est tout á fait defectueuse, puisqu'un grand nombre de peuples qui parlaient les langues sémitiques, les phéniciens par exemple, et plusieurs tribus arabes, étaient, d'après le chapitre X de la genèse, de la race de Cham, et qu'au contraire des peuples donnés par le même document comme issus de Sem, les élamites, par exemple, ne parlaient point une langue sémitique*». (*Histoire générale et Système comparé des langues sémitiques*, I, pag. 2.)

O mesmo dizem Richard., A. Maury e outros; logo, não existiram nunca gentes que se devessem chamar *semitas*; houve apenas um grupo de *linguas semíticas*, e certos povos que se *semitizaram quanto á lingua*.

Não é só: anda-se ahi a falar em *raça mongolica*; pois não existe neste mundo maior disparate. Quem se quizer convencer é só ler o bello estudo de Abel Hovelaque, *Le Type Mongolique*, cuja summula é a seguinte: ou as pa-

lavras não tem sentido, ou o nome de *typo mongolico*, raças mongolicas, mongoloides, pertencem aos grupos de individuos cujos caracteristicos ethnicos são os caracteres dos mongões, propriamente ditos.

Ora, a raça mongolica é geralmente dividida em dois grupos: o ramo *mongol* propriamente dito e o ramo *tonguz*; naquelles se contam os *kalmuks* e os *buriates*; nos outros, os *mandchús* e os *tonguezes*. Entre esses varios grupos notam-se já grandes variedades, que indicam raças diversas. Não é tudo: entre os mongolicos se contam os *chins*; mas isso é erro, por oito motivos serios: 1º, o chim tem tendencia para a obesidade e o mongol tem tendencia inversa; 2º, a tez amarellada do chim (anegrada no sul) nada tem de commum com a do mongol; 3º, este é de compleição muito mais robusta do que o chim; 4º, o filho do Celeste Imperio tem a palpebra muito mais oblíqua do que o mongol; 5º, o chim é muito mais prognatha do que o outro; 6º, o craneo do chim tem menos capacidade do que o do mongol; 7º, o nariz do chim não é chato como o do mongol; 8º, a fórmula geral do craneo do chim está em completa opposição á subbrachycephalia dos mongões.

Entre as populações denominadas mangolicas é tambem de uso contemplar os annamitas, os siamazes, os birmanos, os tibetanos e, em geral, as gentes indo-chinezas. Neste ponto, Hovelaque entra numa discussão que não posso reproduzir e chega á conclusão de que toda região do continente asiatico foi antigamente povoada pelas raças, negras, não só os negritos como por negros de cabellos lisos. Neste fundo de população, se vieram estabelecer diversas raças de tez clara, donde saíu um extraordinario mestiçamento, no qual os mongões teriam tido uma parte muito insignificante.

Si se deixa o terreno ethnographico e se váe ao linguistico, a famosa *raça mongolica* mantém-se ainda menos. Cinco são os grupos da familia chamada *uralo-altaica*: *mongol*, *tonguz*, *tartaro*, *finnico* e *samoyeda*.

Acontece, porém, que os tartaros, turcos, etc., são, segundo Pallas, Demoulin e outros viajantes celebres, inteiramente diversos dos mongões. Pallas chega a dizer que distam tanto entre si quanto os negros dos mouros.

Pelo que toca aos finnezes, si é certo que sua lingua se deve ligar á dos mongões, bem diverso é o caso quanto á origem ethnica dos dois povos.

O finnez ou filandez tem cabellos vermelhos ou amarellos, ou de um louro dourado ou esbranquiçado. Barba abundante e ruiva; olhos azues, verdolengos ou castanhos; tez branca, cheia de sardas muitas vezes; nariz

recto, narinas pequenas; labios pequenos; queixo redondo.

Tudo inverso do mongol. Só quem não conhece as duas raças poderá irmanal-as.

Quanto aos lapões, é evidente que nada tem nem com os mongões, nem com os filandezes.

O typo samoyeda não está estudado com segurança; uns o collocam entre os lapões; outros, entre os esquimós; outros, entre os mongões.

Quanto ás populações especialmente denominadas hyperboreas, são completamente diversas dos mongões. «*Nossa conclusão é que a expressão typo mongolico ou deve ser inteiramente abandonada ou restringida ao grupo dos verdadeiros mongões e de seus mais proximos parentes*», diz, por fim, Hovelaque.

E' que o criterio linguistico alli, como noutros casos, não é criterio seguro de parentesco ethnographico. Nem todos que falam linguas mongolicas são mongões.

Mas Hovelaque não deixou de ter o bom senso de reconhecer um grupo mongolico propriamente dito, digno deste nome.

Identico é o caso dos arianos. Houve, antes da dispersão, um grupo que merecia tal denominação.

Contra isto não prevalecem sophismas.

Si os mongolicos se tivessem espalhado nas mesmas proporções, ou tivessem sido victimas da conquista na sua patria nativa, a vasta steppe central da Asia, a ponto de seu typo se haver de todo misturado e pervertido, sua existencia seria agora tambem posta em duvida, como se põe a dos arianos.

Diz o sr. Bomfim, repetindo o negativismo de certos francezes, que *ninguem hoje fala mais em arianos*. Será verdade?

Não creio.

Para não ir muito adiante, basta que lhe diga que os discipulos da escola de Le Play, entre os quaes se contam homens, como Ed. Demoulin, Léon Poinard, Robert Pinot, A. de Préville, Paul Bureau, P. de Rousiers, não falando no grande Tourville, já fallecido, todos admittem os arianos e sua origem asiatica.

Não é tudo; A. H. Sayce, ainda em 1883, publicava a edição franceza de seus *Principios de Philosophia Comparada*, com um *appendice*, sob o titulo — *Quelle route ont suivie les aryens occidentaux dans leur migration en Europe?*

Na edição, a 2ª, de 1893, ainda figura o mesmo interessante *appendice*.

Sayce, que não sei si ainda existe, abraçou mais tarde a doutrina da *origem europeia* dos arianos; mas, nem por isso, deixou de lhes acceitar a existencia.

Ainda mais; o preclaro Huxley, ainda em 1891, escrevia seu excellente estudo — *A questão aryanos e o homem prehistorico*. Segue ahi a theoria europeá; mas não contesta a existencia dos aryanos. Ao contrario, dá-lhes alto valor na historia da civilização.

Não é só; nos ultimos annos de sua nobre existencia, o principe dos juristas, o genial Rod. von Ihering, escrevia sua portentosa obra — *Os Indo-europeus antes da historia*, cuja edição allemã é de 1893 e a franceza do anno seguinte.

Foi hontem, por assim dizer.

Ihering, que tinha uma erudição historica assombrosa, escreveu, logo nas primeiras paginas: «O reconhecimento da descendencia dos povos indo-europeus dos aryanos é uma das mais brilliantes descobertas scientificas do seculo XIX. O primeiro fructo aproveitou á sciencia da linguagem. Eram informações preciosas tanto ácerca do desenvolvimento historico das diversas linguas, quanto ácerca da formação da linguagem em geral. A sciencia, porém, reconheceu immediatamente que as conclusões da linguistica encerram ao mesmo tempo indicações das coisas e da historia. A lingua de um povo contém o inventario de tudo que elle acredita ser-lhe proprio, a existencia da palavra—afirma a existencia da coisa designada por essa palavra, a ausencia da palavra equivale á ausencia da coisa: a lingua é a imagem fiel da realidade.» (*Les Indo-européens avant l'Histoire*, Paris, 1895, pag. 2).

Assim fallava um homem do valor espirital de von Ihering; este não acreditava que as linguas aryanas tivessem brotado do chão.

Acreditava na existencia do povo e era sectario de sua origem asiatica.

Nisto, se separava de Sayce e de Huxley, sectarios da hypothese europeá, como disse.

E ha ainda mais; ainda vivo está na Europa o maior *celticista* actual, o famoso d'Arbois de Jubainville; e não só fala em aryanos—como lhes dá por patria a Asia.

E' o que consta de seu livro — *Les Premiers Habitants de l'Europe*, cujo 1º volume appareceu em 1878 ou 1879. (Possúo a 2ª edição de 1889), e o 2º em 1894.

Este livro celebre é contado entre os maiores monumentos da sciencia franceza e serve bem para contrabalançar as uegaças de Hovelaque e Deniker.

Finalmente, André Lefèvre, a quem não se poderá negar saber e competencia, não só se bate pelos aryanos, como por sua origem asiatica.

Verifique, sr. Bomfim; é no livri-

nho de ouro—*Les gaulois—Origines et Croyances*, Paris, 1900.

E' recentissimo.

Lefèvre não se limita a falar vagamente na *patria asiatica* dos aryanos.

Como bom francez, na supposição de ser a *theoria europeá* uma invenção de allemães que com isso pretendem glorificar sua terra e seu povo, o illustre poeta da *Epopéa Terrestre*, abre lucta franca contra os innovadores.

Depois de falar das populações autochtones da Europa de varias migrações que para alli se dirigiram, chega á migração indo-europeá e desenvolve forte, posto que concisa argumentação, de que transcreverei dois pequenos trechos: «La theorie indo-européenne n'a pas été acceptée sans amendements par certains *pan-germanistes* qui réclament pour le nord l'honneur d'avoir envahi et subjugué de toute antiquité l'Europe entière, même l'Asie. Elle a été combattue par de très savants hommes qui, pris d'une défiance bizarre, n'ont pas voulu s'initier á la méthode linguistique, ou n'en ont admis les inductiões que pour les autres groupes humains: sémites, ougro-finnois, maléo-polynésiens, bantous ou algonkiens; pour tous en un mot, la famille indo-européenne dñment exceptée,.. Qui dit langue dit un groupe d'hommes qui la parlent et la comprend.

A la nécessité d'un idiome aryen répond l'égle nécessité d'un groupe arya, situé quelque par dans la durée et dans l'espace, ayant existé dans un temps et dans un lieu quelconques. Réduisez autant que vous voudrez, jusqu'à l'absurde (*Toma, Bomfim!*), l'aire et le nombre de ce peuple. Il faudra toujours admettre qu'un individu arya, ou un étranger instruit par un arya, a porté chez ses voisins la langue et la culture qui se sont répandues de proche en proche.

Il n'ya que les graines qui soient semées par le vent. Je dis que l'existence nécessaire de cet unique arya ou élève d'arya suffit á démontrer l'existence d'une primitive patrie aryenne et d'un peuple aryen.» (*Les gaulois*, pag. 191, nota).

Pudéra citar muitos outros sabios contemporaneos que falam e acreditam em aryanos. Mas quiz só referir auctores que tenho á vista e pude verificar sem esforço.

Não tenho competencia para decidir entre a hypothese *asiatica* e a *europeá* na questão da origem dos aryanos. Nem isso vem ao caso; no debate, basta-me apenas provar a necessidade da crença na existencia dum grupo primitivo ao qual se deve dar esse nome.

Bomfim tampouco tem competencia para resolver a questão, tanto menos quanto se mostra onzado em dizer que

hoje ninguém mais fala em aryanos...

Para meu uso particular, dou preferencia á hypothese asiatica pelos motivos astronomicos expostos, entre outros, por Ad. d'Assier em seu *Essai de Philosophie Naturelle*, 3ª parte—, *L'Homme*, pag. 272 a 291.

E' que, quando se formaram as primeiras civilizações—no Egypto, na Assyria, na India, na Media, na Bactriana, a Europa do Norte estava debaixo dos gelos, atravessava um periodo glaciario.

Entende, Bomfim?

Peça a um geologo que lh'o ensine e não deixe de ler o excellente Adolphe d'Assier.

Tome o conselho.

SYLVIO ROMÉRO.

(1) Não inclúo no numero os dinamarquezes, porque passam por brachycephalos.

SCIENCIA E INDUSTRIA

O novo acumulador de Edison. — A sua economia de 58 % sobre o custo do cavallo-vapor. — As experiencias.

Havia muito tempo, o mundo industrial aguardava, com justificada anciedade, um forte impulso de Edison nas novas descobertas, applicações do radium e da electricidade, especialmente o novo acumulador que se noticia recentemente acabado, depois de alguns annos de estudo e experiencias, investigações delicadissimas.

O novo acumulador é um pequeno aparelho, composto de uma caixa de ferro contendo placas alternantes de ferro e de nickel, banhando-se numa solução de potassa.

Edison calcula que a energia fornecida por esse seu acumulador permitirá uma economia de 58 % sobre o custo médio do cavallo-vapor. Poderá imprimir a um automovel fazendo 30 kilometros por hora uma ininterrupta marcha de 6 a 7 horas sem necessidade de ser de novo carregado.

Não será isso, evidentemente, a ultima palavra do problema, porque não se podem dispensar paradas de 200 em 200 kilometros, mas esse progresso conquistado bastará para o *tourismo* vulgar.

Quanto ao pezo, o novo acumulador não desbancará ainda o motor a petróleo, porque o cavallo-vapor pezará de 12 a 15 kilos.

* *

Orchidéa maravilhosa. — O seu descobrimento. — As investigações no Assan. — Uma restauração.

Um dos typos mais notaveis, entre as orchidéas, é o genero *cypride* e, neste, o *cypridium Fairrieanum*, tão raro

que era considerado perdido, offerecendo-se um premio de 25 mil francos a quem o descobrisse, premio que havia 20 annos não fôra reclamado.

Em 1857 appareceu simultaneamente em Londres, nas famosas casas de plantas ornamentaes de Stevens, no Covent Garden, e em Gand, na Belgica, no celebre estabelecimento horticolô de Van Houtte, esse *cyripedium*, expedido de Nowgong, no Assan.

Os inglezes deram a essa orchidéa o nome de Fairrie, um amator de renome.

O jardim de Kiew comprou um bello specimen; outros colleccionadores adquiriram tambem algumas mudas desse soberbo cyprido; entretanto, como nessa epocha não estava em vôga a hybridação, elle desapareceu gradualmente, de sorte que em 1876 se achava catalogado entre as orchidéas perdidas.

Fizeram-se pacientes investigações para descobri-lo de novo no Assan, mas as poucas unidades encontradas morreram antes de chegar á Europa. A perda foi muito sensivel porque os principios a seguir para tornar fecundos os hybridos são agóra praticados com successo e o *cyripedium Fairrie-anum* passa por possuir propriedades muito vantajosas para esse cruzamento de especies.

Annuncia-se, agóra, que um official do exercito inglez, Frederic Boyle, que fez parte da expedição Younghusband no Thibet, encontrou na passagem inaccessible do Bontan, a flôr maravilhosa procurada havia 40 annos.

O valor especial do Fairrie-anum consiste em que, entre os cyripedidos, de que existe, apenas, um pequeno numero de especies, nenhum ha que possa dar mais esplendidos hybridos. Essa esperanza parecia confinada na região das chimeras porque, na Europa, se conheciam sómente cinco especimens, dos quaes quatro no Luxemburg, todos em tão máu estado que se não prestavam á fecundação. No que floresceu em 1903, ninguem pôde saber o que fôra feito do pollen e nenhum segredo do Estado foi jámais melhor guardado. Graças á descoberta de Boyle renascem, agóra, as esperanças.

* *

Cães tuberculosos. — As declarações do sr. Petit. — Perigo desconhecido. —

Durante o recente congresso contra a tuberculose, o professor Landouzy communicou que a Escola de Alfort demonstrára a tuberculose do cão, não só muito frequente, como progressiva. A proporção dos cães tuberculosos, autopsiados pelo sr. Cadiot, em Alfort, se elevou, em cinco annos, de 4 a 9%, provindo a grande maioria

desses animaes doentes dos vendedores de bebidas alcoolicas, de café, de Paris ou dos arrabaldes. Nesse meio especial muito frequentado, principalmente por tuberculosos, como são quasi todos os alcoolistas, os assoalhados estão infeccionados e são varridos sem serem regados, projectando para todos os lados a poeira virulenta e os cães adquirem a molestia pelas vias respiratorias e digestivas, devorando com avidéz toda a sorte de dejectos e absorvendo aquellas poeiras.

O dr. G. Petit declaram muito frequente a tuberculose canina.

Amigo da casa, o cão pôde ser o instrumento de contagio num meio perfeitamente indemne, babando nos tapetes, deitando-se no leito das creanças. Muitas pessôas gostam de beijar cães, deixam-se lambar no rosto por elles; um bello dia, a tuberculose apparece na familia, sem que se suspeite a sua origem.

Não se deve proscreever a companhia desse velho amigo do homem, mas será medida de prudencia fiscalizal-os, e, de quando em vez, verificar o seu estado de saúde.

Temos, portanto, mais um motivo de censura ao detestavel costume de trazerem as senhoras o cãesinho ao collo, de animal-os, de beijal-os, de se deixarem beijar por elles, adquirindo, não sómente a tuberculose, como outras molestias de que o carinhoso animal pôde ser o vehiculo.

ARMADA NACIONAL

Os processos de avaliação do actual ministro — A inspecção dos arsenaes — A lona adquirida pelo sr. Guillobel.

Vimos já que as duas causas primordias do pequeno rendimento dos nossos pseudo arsenaes, são: o preço elevado pelo qual sáe ao Governo a materia prima e a desidia com que são administrados taes estabelecimentos, o que permite que uma obra ligeira leve em mãos de dezenas de operarios centenas de dias. Haveria a juntar uma terceira causa: a má applicação dos dinheiros nos arsenaes; é facil provar a existencia desta causa, com o facto do sr. ministro mencionar na verba «material de construcção», em seu relatorio de 1905, um saldo de mais de 25% do total da verba, quando, entretanto, ha navios, como o *Tamoyo*, cujos concertos não estão terminados, simplesmente (é essa a razão apresentada officialmente) por falta de quantia inferior a 8:000\$000!

Convém dizer que o *Tamoyo* é dos navios anthyptisados pelo arsenal de marinha do Rio de Janeiro.

Para o actual ministro da Marinha,

porém, não são essas naturalmente as causas dos «fracos rendimentos». Seu processo para avaliar esses rendimentos consiste em comparar a quantia dispendida com o custeio dos arsenaes, com o valor das obras concluidas pelos mesmos. Dahi dedúz s. ex. a quantia consumida com as despesas geraes. Exemplo: si um arsenal despende 400 contos e prodúz obras no valor de 200, diz s. ex., e é certo, que as despesas geraes consumiam tanto como 100% das obras realizadas, ou outros 200 contos.

Ora, si o preço da materia prima fôsse ainda superior ao que é actualmente, o augmento proveniente dessa mais exaggerada carestia, transmittir-se-ia integralmente ao valor das obras, á producção do arsenal, e não gravaria a verba de custeio do estabelecimento, da qual não faz parte a de acquisição do material; e si ainda a desidia que impera pelos arsenaes fôsse mais surpreendente do que é actualmente (e é difficil crel-o), o accrescimo do valor na mão de obra, pela maior demora na execução dos trabalhos, transmittir-se-ia ao preço das obras, integralmente, e tambem não gravaria a verba «custeio», porquanto os operarios e o pessoal seriam os mesmos.

O resultado seria então que o valor das obras produzidas cresceria surpreendentemente enquanto aquella verba se mantinha sem augmento; a proporção das despesas geraes diminuiria consideravelmente e s. ex. o sr. ministro ficaria muitissimo satisfeito com a sua administração, que teria colhido tão estupendos resultados!

Bellos processos de comparação, para deduzir rendimentos!

No entanto, seria facil a s. ex., sem querer fazer mathematica em seus relatorios, verificar que as causas unicas do mal são as que apontámos. Bastava que s. ex. verificasse que, no arsenal do Rio de Janeiro, *tres toldos para escaleres* custam ao Governo 1:400\$000; essa obra feita por officina particular não attingiria a 200\$000.

Um toldo para o *Riachuelo* fica ao Governo por cerca de 15:000\$000, quando feita no mesmo arsenal; para não citarmos mais exemplos, basta acrescentar que são assim fabulosos os preços de quaesquer obras nos nossos arsenaes. Donde provém tal exaggero? E' facil verificar, constatando, nos dois exemplos citados, que, a despeito do preço da materia prima ser elevado, o da mão de obra attinge, em ambos os casos, mais de 70% do custo total.

Mas, s. ex. conhece bem quanto dizemos; simplesmente, não tem força para moralizar taes arsenaes, porque, num, no mais importante do paiz, collocou s. ex., como inspector, um seu irmão, por quem nutre um verdadeiro respeito filial; e nos outros, s. ex., sem independência na pasta, antes procurando, de toda a fórma, nella manter-se, não pôde collocar sinão os que lhe são impostos pela politicagem local, sem querer attender exclusivamente aos interesses da armada.

Podemos agóra referir, conforme promettemos atrás, quanto se passou com uma grande quantidade de lona comprada directamente ás praças da Europa pelo sr. almirante José Candido Guillobel.

Quando este official foi inspector do Arsenal de Marinha do Rio, teve occasião de verificar como era grande o consumo de lona nas officinas de confecção de toldos e vélas, e, conhecendo a extraordinaria differença entre o preço daquelle artigo na Europa e no Rio de Janeiro, obteve auctorisacção do ministro da Marinha de então e forneceu o Arsenal com um colossal *stock* de lona, adquirido, com grande economia para o Governo, em praças estrangeiras.

O almirante Guillobel, não sabemos porque, é malquisto entre os actuaes senhores da armada nacional; e tendo sido substituído na inspecção do Arsenal pelo sr. almirante Carlos de Noronha, não faltou logo quem visse, no facto daquelle grande fornecimento feito no exterior, motivo para, á surdina, atassalhar-se-lhe a honorabilidade. Abriu-se logo uma devassa e, verificada a honestidade de quem contractára o fornecimento, lançou-se mão do ultimo recurso: não fôram satisfeitos os pedidos de toldos e de lona para os navios, sinão dois annos e mais, depois de feitos; parte daquelle lona deteriorou-se, porque houve tempo e processos para isso, e hoje então diz-se, que a compra daquelle artigo, em tão grande quantidade, foi um desperdício criminoso. O que se não diz é que o *Kiachuelo*, o *Carlos Gomes* e outros navios, estiveram sem toldos durante mais de dois annos!

Taes processos de administração são tão mesquinhos, que mesquinho parece referil-os; mas, repetimos, queremos mostrar como se está reorganizando e salvando a marinha de guerra do Brazil.

* *

Vimos assim que, decorridos mais de tres annos de administração, o actual ministro da Marinha, na parte referente ao material, não fez mais do que os seus anteriores.

Os arsenaes mantêm-se no mesmo gráu de improductividade em que

viviam. Administrados com pasmosa desidia, os seus operarios nada fazem; e o pouco que produzem são por preços fabulosos e mal feito.

Quanto ao material fluctuante, s. ex. só o accresceu com as canhoneiras typo *Melik*, navios imprestaveis, e sobre os quaes, s. ex., cujos processos administrativos teem por base a franqueza nos relatorios (dizem os seus admiradores) occultou inteiramente a verdade; tambem o accresceu com o monitor *Pernambuco*, lançado ao mar após 34 mezes de obras activadas (em 30 conclúe-se um couraçado de 16.000 tonelladas), e que só ficará prompto para 1907

Existe mais para provar a fecundidade da sua gestão o já celebre programma naval Pitta-Noronha. Só o analyzaremos, porém, depois que tivermos examinado o nivel profissional e moral dos nossos officiaes e das nossas guarnições.

TONELERO.

PAGINAS ESQUECIDAS

O PRESIDENTE DO JURY

Sabio de *bric-à-brac*, illustre pedagogo,
Que á puericia real ensinas desde logo
A lisonja arrastada, a vil hypocrisia!
Eu conheço-te bem, santão da freguezia:
Lá devias cantar, ó mutilado infame,
Co'a a tua voz de tiple em musical certame.
Presidente venal de todos os concursos.
Erudito cruel, insano nos discursos,
Versejador fatal, rhetorico apopletico,
Libertino por dentro, e na apparencia asce-

Recebendo mercês da mão da liberdade,
E mordendo-a depois nas sombras da mal-
Grego de contrabando, é mais o teu emprego
Ser grego nas acções do que nalingua grego.
Vaes agora saber como me custa pouco
Desmascarar de vez na praça um farricoco.
Como um *pobre escriptor versejando fraquito*,
Que não sabe *latim*, amanha um erudito.
Calumniador de Homero; ultrajador de

Lonvado seja Deus! e fazem do pedante
Arbitro a decidir do gosto e do talento!...
Onde a critica exige um fino sentimento
Do bello, do ideal, vão pôr este paucracio,
Estragador de Moscho e do divino Horacio!
Inda ficando aqui!... emfim se á crassidade
De tal entendimento a luz da probidade
Mandasse algum clarão!... Mas a moral

Peor que a intelligencia, inda mais baixo o
Querem saber porque? Um toque bastará
Para mostrar o fel que n'aquella alma está.
No dia do certame um moço concorrente
Fallou sobre a Reforma. O grave presidente
Julgou vêr no orador idéas deleterias;
Ferveu-lhe a indignação! Bateram-lhe as
Embargaram-lhe o curso apostrophes vio-
Do tenesmo oratorio as ancias truculentas!
Um — bem pouco christão! — do jury res-
Afoitou-se a ter mão na scena deploravel,
O publico apupava as furias do truão.
O escandalo acabou? Não acabou, verão:
Uns minutos depois, na sala do concurso,

O protegido entrou e fez o seu discurso,
Co'a funda convicção de um animo seguro,
A confissão geral de pantheista puro.
Céos e terra! o beato, o protector da curia,
O servoultramontano onviu aquella injuria—
Monumental blasphemia! — e conservou-se
Um hypocrita bom tem bojo pura tudo.

BULHÃO PATO.

**

A POBREZA ENVERGONHADA

ACTO I, SCENA II

INTERLOCUTORES: — D. Luiza e seus filhos Antonio Guerreiro e d. Amelia, José Silvestre (mendigo) Seraphina (queijadeira).

Logar da scena: — Largo e igreja das Chagas em Lisbôa.

ANTONIO GUERREIRO (*Entra dando o braço a d. Luiza e d. Amelia, cada uma das quaes traz o seu livro de missa*) — Ficam nas Chagas. (*A's duas*). Em acabando a missa, vão para a casa, não?

D. LUIZA. — Vamos, sim. Escusas de te incommodar mais. Váe aonde teus de ir. São dois passos. Basta-me a companhia de tua irmã. Não precisamos de mais ninguem.

SERAPHINA. — Quem vem ás queijadas?

ANTONIO GUERREIRO. — Queijadas aqui! E' raro! (*Para Seraphina, que se aproxima*) São boas?

SERAPHINA. — São da Sapa, meu senhor.

ANTONIO GUERREIRO. — (*Para d. Amelia*) E tu que és tão apaixonada dellas. e a mamã tambem!... Estou capaz de comprar uma duzia.

D. LUIZA. — Deixa-te disso. E' deitar o dinheiro á rua.

D. AMELIA. — E é verdade.

ANTONIO GUERREIRO. — (*Rindo*) Ralhem, ralhem.. vejam se lhes quero menos por isso. Não sabem que até dos seus ralhos gosto.

D. LUIZA. — Tens o coração de teu pae, como és o seu retrato... (*Limpendo as lagrimas*) Oh! se o meu Jeronymo fôsse vivo!

D. AMELIA. — Ora vamos, mamã, deixe-se disso.

ANTONIO GUERREIRO. — Não tem aqui os seus filhos?

D. LUIZA. — E' o que dá forças para sobreviver ao pae.

ANTONIO GUERREIRO. — (*Alegremente*) E não quer que lhe compre queijadas! Meia duzia, ao menos?

SERAPHINA. — Compre, compre, meu senhor. são muito boas.

ANTONIO GUERREIRO. — Haviamos de parar de balde?...

D. LUIZA. — Faze o que quizeres. (*Aparte*) Valha-me Deus!

ANTONIO GUERREIRO. — Deixe estar que não deito a casa a perder!..

D. AMELIA. — Vejam isto!. Como lhe não falta nada, não ha extravagancia que lhe não lembre.

ANTONIO GUERREIRO. — (*A Seraphina*) Meia duzia. (*A d. Amelia*) Não me falta nada!... Faltavam-me queijadas. e vou deixar-lh'as em casa.. Não agradece a seu irmão?

D. LUIZA. — Agradece, sim; e eu tambem.

ANTONIO GUERREIRO. — Ora ainda bem. (*A Seraphina, que lhe dá as queijadas embrulhadas num papel*) Quanto é?

SERAPHINA. — Um tostão.

ANTONIO GUERREIRO. — (*Pagando*) Aqui tem.

SERAPHINA. — (*Vendo o dinheiro*) Seis vintens. Eu lhe dou o troco.

ANTONIO GUERREIRO. — Não tem demasia.

D. AMELIA. — Vejam o que elle faz ao dinheiro.

ANTONIO GUERREIRO. — Que magnificencia!... Um vintem.

D. LUIZA. — Um vintem ás vezes.

ANTONIO GUERREIRO. — Faz falta, bem sei.. Mas não é no nosso caso.

D. LUIZA. — (*Suspirando*) Não, de certo.

ANTONIO GUERREIRO. — (*Despedindo-se de d. Luiza*) Até á noite, minha mãe.

D. LUIZA. — Abafa-te bem, que o tempo já váe estando frio. A falar-te a verdade, não gosto muito que andes por esses jantares.

ANTONIO GUERREIRO. — Bem vê que não podia dizer que não ao director da contadoria. Adeus Amelia, vou alli comprar charutos, e quando voltar lá deixo as queijadas na capellista: peça-lh'as quando voltar. Adeus (*Sáe pela direita*).

D. AMELIA. — Adeus. (*A d. Luiza*) Vamos, mamã, que se faz tarde. (*Dirigem-se á egreja*).

JOSÉ SILVESTRE. — Uma esmolinha pelo amor de Deus.

D. AMELIA. — O meu pobre dos domingos. . e eu que não reparava!... Tome lá, irmãosinho. E' pouco mas é de boa vontade.

JOSÉ SILVESTRE. — Deus lhe dê saúde, minha rica menina!. Nunca me ha de esquecer que foi a primeira pessoa que me deu uma esmola, quando principiei a vir para aqui pedir... Foi ha cinco ou seis domingos, lembra-se? E depois ainda se não passou um que não recebesse alguma coisa de sua mão!... Deus lhe dê saúde!

D. AMELIA. — Pouco posso, mas sempre vou poupando pela semana adiante, porque se me não tira do sentido. . E' a minha caixa economica.

JOSÉ SILVESTRE. — (*Um tanto commovido*) Eu não fui sempre o que mostro. Deus é que lhe ha de pagar.. Tem a formosura e a bondade!.. Feliz pae e feliz mãe!

D. LUIZA. — (*Aparte*) Feliz!

D. AMELIA. — (*Tristemente*) Já não tenho pae, irmãosinho.

JOSÉ SILVESTRE. — (*Levantando-se e*

tirando o chapéo) Queiram perdoar, minhas senhoras.

D. LUIZA. — Peça a Deus por nós. (*Sobem e entram*).

JOSÉ SILVESTRE. — (*Comsigo*) Pedir por ellas... eu!. Ruins orações seriam! (*Assenta-se de novo pensativo*).

MENDES LEAL.

Fragmentos de estudos da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

IX

Depois da indicação ou proposta do padre Alencar, a respeito da prisão de Costa Barros, deputado eleito pelo Ceará; depois do projecto de amnistia, apresentado por Martins Bastos; o de Pereira da Cunha, adoptando e mandando vigorar, no novo Imperio, a antiga legislação portugueza, que outr'óra regia a colonia brazileira, a Camara Constituinte continuava a trabalhar activa e assidua.

A população, por seu lado, não cessava de fazer-lhe frequentes e quasi ruidosas manifestações de apreço, de confiança e sympathia.

A novidade do espectáculo em uns; a fé ardorosa do patriotismo em outros; a consciencia do dever civico em quasi todos — faziam que o povo fluminense rodeasse a casa do Parlamento e frequentasse, todos os dias, a sessão, que principiava ás 10 horas da manhã.

Eram, pois, visiveis o interesse reciproco e forte união entre o povo e os representantes, os quaes procuravam, na medida de suas forças, curar das necessidades publicas. Releva tambem lembrar que havia excessivo prurido de falar e, por toda parte, disre-teava-se sobre as questões do dia — justa desforra contra o regimen da metropole, que supprimia o pensamento, impedindo a liberdade da palavra.

Cada deputado, por amor proprio, mostrava-se açodado em formular projectos, moções ou propostas. A Camara ainda não havia systematizado o processo de seus trabalhos. Não se lhe estranhe, attendendo-se em que a maioria dos deputados comparecia, pela primeira vez, numa reunião de character deliberativo. Não olvidemos de não haver o governo dos vice-reis e capitães-generaes permittido nem tolerado associações, temendo que se convertessem em focos de conspirações: é propria dos governos absolutos essa cautella — amam e querem viver tranquillos—*silentium faciunt et pacem adpellant*. (1)

A nação, do norte ao sul, olhos fitos nos representantes, esperava que os

interesses vitaes, os direitos da liberdade civil e politica, as medidas convenientes ao desenvolvimento da prosperidade publica e, sobretudo, a decretação duma Constituição que a livrasse dos abusos e dos caprichos dos poderes arbitrarios—indubitavelmente mereceriam o zelo e solicitude dos paes da patria.

Quando uma assembléa politica desperta e aviventa na alma nacional um enxame de esperanças, pôde-se affirmar que exprime a opinião real e verdadeira e identifica-se com a vontade e soberania, que representa. Entre o povo e seus representantes, o laço de união era inquebrantavel. Nunca outra assembléa, no Brazil, avultou na estima e consideração de todas as classes sociaes, como a de 1823. O povo dava-lhe apoio e força e, si nesse momento os legisladores fôsem atacados, encontrariam, em cada cidadão, extrenuo e dedicado defensor.

Tem-se contado a historia de diversos modos. Cada um ou segue os impulsos naturaes do seu temperamento, ou procura um modelo entre os antigos e modernos. Os que sentem as inspirações grandiosas da epopéa, imitam Tito Livio, que Niebhur chama poeta, quem só faltava o talento da versificação e que procurava esquecer a degeneração do seu seculo, pondo aos olhos do presente tudo que o passado de Roma tinha de mais glorioso. Os chronistas referem factos, narram sem discriminar o erro da verdade, mencionam acontecimentos, indicam personagens, datas e circumstancias com inuteis minucias — deixando os leitores num labyrintho de incertezas por não poderem conhecer como taes successos se originaram. (2) Os escriptores moralistas, inspirando-se em certas idéas, só procuram descobri-las encarnadas nos factos. (3) Emfim, as escolas modernas vêem na historia a psychologia em acção e assim, nos actos dos homens, se esforçam em investigar e penetrar suas paixões, idéas, interesses, virtudes e crimes, grandezas e miserias. (4)

Ora nós, que desejamos aprender a verdadeira historia do paiz, não podemos acceitar narrativas, como as dos velhos chronistas. Em frente da Constituição estacamos e lhe fazemos, naturalmente, um ro-zario de questões. Queremos olhar, com seguridade, a physionomia, o character, o genio, ou a ineptia dos homens que dirigiram aquella assembléa, ou influíram nos acontecimentos.

A primeira coisa que nos surpre-hende, é o triste contraste do inicio jubiloso e do final desastroso da Constituinte. Ora, passar por estes dois successos, como sóem praticar os chronistas, é condemnar-se a ignorar as diversas peripecias do drama inter-

essante que representaram d. Pedro e os Andradas. Como subitamente os illustres patriotas perderam a confiança do Imperador e fôram expulsos do ministerio? E porque o desastre dos Andradas trouxe a dissolução da Constituinte? Quaes as causas determinativas de tão estranhos successos? Não seriam previstos? Os coriphens politicos tinham a vista tão curta, que não lobrigaram as nuvens negras, que se enfileiravam no horisonte, minazes de tempestades? A razão, o motivo de todas estas mutações de scenas? O volume da—*Constituinte perante a historia*—não nos explica absolutamente nada; por conseguinte, nos deixa ignorando o passado e só nos affirma que a Assembléa *foi sempre respeitosa*: dali, um milheiro de conjecturas.

De certo, quem seriamente quer estudar a historia, não se contenta com a repetição de factos sem lhes investigar as causas e a cooperação das personagens que figuraram nos dramas das revoluções, ou nas delicias da paz. E' por meio desse exame consciencioso que a historia lauréa os benemeritos e classifica os heróes e expõe ás gargalhadas das turbas os charlatães refinados e felizes, que perduram na veneração e na memoria de successivas gerações, até envoltos nos véos seductores e deslumbrantes das lendas populares.

A Constituinte começou por um modo brilhante e acabou de maneira lastimosa; nenhum dos seus homens esteve na altura do civismo, da elevação moral e intellectual e das energias do patriotismo que as circumstancias exigiam. Dentro e fóra da Camara, a subserviencia á vontade do dominador absoluto foi completa.

Interessa á verdade historica estudar as phases, pelas quaes passou a Constituinte até chegar a 12 de novembro, dia em que foi annullada inesperadamente pela dissolução, que nunca foi prevista por nenhum dos membros da Assembléa, porque não tinham, siquer, a habilidade commum; quanto mais as luminosas intuições de projectos legisladores.

Lancemos ainda uma vista de olhos sobre os primeiros dias de sua existencia para bem fixarmos o terrivel desastre que a anniquillou.

O povo, que se mostrava ufano e disposto a sacrificar-se pelos seus representantes, parece abandonal-os ao luzir das espadas, á sanha e ás patas da cavallaria, que viera das bandas de S. Christovão. Porque mudou de resolução? Os longos mezes de sessão consumidos em trabalhos estereis, em disputas imprudentes, desilludiram-no de todo? Porque perdeu aquella ardente confiança, ruidosamente manifestada no dia 3 de maio?

E' verdade que então o povo e os

representantes entendiam-se, amavam-se, sustentavam-se. Por seu lado, a Constituinte estava convencida de ter por si a nação inteira e procurava corresponder á confiança e viva sympathia e dedicação, que lhe eram manifestadas. Mas, a despeito da bôa vontade, faltava-lhe uma coisa, que grande e celebre estadista reputava ser o principal predicado das assembléas, dos governos, e dos legisladores — a *experiencia*. (5) Este dom, adquirido, tão custosa e, ás vezes, dolorosamente, supprime o talento, ou o genio, a eloquencia e o patriotismo, as virtudes e até a sciencia, é o fructo da meditação, a opulencia do bom senso. Os legisladores da Assembléa de 1823 — onde, quando e como teriam adquirido essa opulencia? Ainda os mais notaveis, Carneiro de Campos, que não é um talento vulgar; José Bonifacio, considerado em toda a Europa como sabio naturalista; Antonio Carlos, que mostrava impetuosas explosões de eloquencia; Pereira da Cunha e alguns poucos espiritos bem dotados, nunca viram, observaram o labor da politica, da legislação e do governo dos povos, nem as luctas dos direitos e dos interesses, das paixões e da justiça. Nascidos e educados sob o regimen absoluto, crentes na doutrina do direito divino, (6) nenhum daquelles representantes da nação brasileira, que acabava de romper os grilhões do captiveiro colonial, estava preparado para exercer e desempenhar o difficil e arduo papel de legisladores e estadistas.

Nestes estudos já tivemos occasião de notar o sycretismo de idéas, que obscurecia a mente dos improvisados politicos.

Elles não possuem noções exactas do governo do Estado por meio das assembléas deliberantes. Na quadra, em que a Constituinte funcionava, o regimen parlamentar já era conhecido e praticado na Inglaterra desde o reinado de Guilherme III, (7) da rainha Anna, (8) continuado pelos reis da casa de Hanover, (9) aperfeiçoado nas luctas de Jorge III. (10) Em 1823 já a Grã-Bretanha tinha sido governada por uma dynastia gloriosa de ministros responsaveis, saídos do parlamento, como os Walpole, Somers, Chatham, lord North, Fox, Pitt, Canning, que foi dos ultimos e achou-se bem atarefado com os negocios do Brazil. (11) Em França, tambem as assembléas da grande e terrivel revolução e, uórmente, as da carta constitucional, dadia de Luiz XVIII, haviam ensinado aos povos o valor e vantagens de tal regimen. (12)

Alguns dos membros da Constituinte, por exemplo, Antonio Carlos, Mouiz Tavares, etc., fizeram parte das côrtes de Lisboa, onde Antonio Car-

los, defendendo os interesses do Brazil, foi vaiado pelo poviléu, aquem respondeu, atirando-lhe esta fulminante apostrophe, que a fez emmudecer: *quando fala a nação, cala-se a canalha*. Em Portugal, porém, o regimen era apenas um ensaio, inteiramente ignorado, porque os portuguezes sempre viveram sob o jugo do despotismo e, educados servilmente, não podiam então ter legisladores parlamentares com a comprehensão dos direitos da liberdade moderna. Entre as côrtes de Lisboa e a Constituinte do Rio de Janeiro a differença seria muito pouco sensivel; nenhuma superioridade as distinguia nem as distanciava.

Assim, pois, releva reconhecer que nenhuma experiencia illuminava os representantes, que legislavam para um povo em embryão, sem educação elemental e muito meos moral e politica. Essa inexperiencia levará a Camara de 1823 de erro em erro até o desastroso desenlace do decreto de 12 de novembro, embóra ella *tenha sido sempre respeitosa para com o magnanimo Defensor Perpetuo*, conforme nol-o assegura o illustrado auctor do livro — *A Constituinte perante a historia*, (13) sem ter assignalado os motivos do descalabro duma assembléa que exhibiu á estima e veneração dos posteros. O honrado sr. barão Homem de Mello parece esquecer-se de que os corpos politicos, sem as aptidões intellectuaes, são sempre nullos, e que a Constituinte foi dissolvida — não porque desrespeitasse a d. Pedro, mas porque este não quiz tolerar que ella, por sua incapacidade, se fizesse instrumento nas mãos dos adversarios. Ora, dissolvendo-a, quebrava o instrumento, desarmava e nullificava a trindade andradina, como succedeu.

Não é justo exigir, porém, que a Constituinte de 1823 desempenhasse cabalmente a missão duma assembléa projecta e illustrada, quando era composta de padres e de gente sem educação politica; quando apenas contava, em seu seio, alguns magistrados, ou empregados de secretarias, ou politicos da plana dos irmãos Andradas, que estavam acima da maioria formada da mediocridade.

Esses reparos são indispensaveis, porque respondem ás exaggeradas admirações daquelles que nos atordoam com os altos meritos da primeira assembléa que legislou neste paiz. Ella tem alguns titulos ao respeito e gratidão das gerações posteriores, mas absolutamente não pôde ser considerada um modelo, quanto á superioridade intellectual, nem mesmo é comparavel com as Camaras de 1826 ao termo final da Regencia de 1840. A Constituinte foi o producto do seu tempo sob a realza absoluta de d.

Pedro e do ministerio arbitrario de José Bonifacio; ao Imperador e ao ministro, faltavam as grandiosas concepções de estadistas. Um governava ainda crente no direito divino da monarchia tradicional. O outro julgava que tudo que lhe dava na vontade fazer, indubitavelmente era bom e justo, porque amava muito o seu paiz. Desse excesso de amor concluía o excesso do bem (14).

Na quadra do seculo XIX, em que o vae-e-vem das revoluções atirou o grande naturalista sobre a curul ministerial e parlamentar, já o espirito humano tinha passado por muitas evoluções, principalmente no tocante ao governo dos povos. A politica havia attingido a grandes e fecundos resultados e enthesourado abundante copia de theorias, de experiencia e de idéas.

José Bonifacio não era perito nesta sciencia, como era reputado notabilissimo naturalista. Chamado ao governo por outros titulos que o elevavam e o recommendavam á estima do Imperante, não soube evitar os peniciosos erros dos 16 mezes do seu ministerio e sacrificou a inexperiencia da Assembléa.

Deixemos, por ora, o estudo do homem mais eminente dessa epocha; a cada passo, repetidas vezes se nos deparará azo de traçar do vivo os seus gestos e physionomia. Continuemos, como espectador curioso, a seguir e notar os trabalhos parlamentares.

A todo instante, na Constituinte, choviam propostas, indicações e projectos. Antonio Carlos, em consequencia de informações que recebera da Europa, sabia que o governo portuguez, desenganado de reconquistar o Brazil, envidava esforços, por meio de agentes seus, para semear a sizania entre nós e, dividindo-nos, dilacerar-nos. Assim, propunha: 1º, *que se diga ao Governo que quanto antes, etc., etc.*; 2º, *que se nomeasse uma comissão especial para buscar os meios e providencias adequadas que nos livrem dos laços e das ciladas dos nossos inimigos e dos emissarios, e apontar os expedientes energicos que exigem as circumstancias, ainda mesmo o silencio parcial e temporario das leis que garantem os direitos civis e que esta comissão seja secreta e seu resultado se trate em sessão secreta, etc.* »

Esta monumental proposta, que denunciava que o Governo ou poder executivo não sabia fazer o seu officio — o de vigiar pela ordem publica e segurança e defeza nacional; que invadia as attribuições de outro poder; que decretava a suspensão de garantias legais, foi logo apoiada por José Bonifacio (15), *que era muito afeiçoado ao arbitrio*, como declarou seu proprio irmão (16).

Tal proposta harmonizava-se com seu gosto e indole e era de seu especial agrado.

Motemos que o nosso venerando patriarcha, fundador da liberdade, si visse, hoje, em nossos dias de — *estado de sitio* — seria o mais fervoroso sustentador dessa violenta medida e não haveria governo que não o contasse na rabadilha entre os asseclas.

E' preciso que a tolice humana seja profunda e muito brutal para crer que um homem, sempre inclinado a tudo que viola e opprime a liberdade seja um de seus dedicados e sublimes apóstolos!! Não ha acto desse homem que não seja dum inexoravel absolutista. Estudem-no em seus instinctos, em suas palavras, pensamentos, e rasguem-lhe o manto esplendoroso da LENDA: verão si elle é, ou não, um imitador, ou emulo do truculento marquez de Pompal. E José Bonifacio passa como verdadeiro e sincero amigo da liberdade... A tradição consagrou esse juizo, sem esmerillar-se os fundamentos e foi, facilmente, transmittido, de geração em geração, embora os protestos dos contemporaneos.

Mas quando se penetra na consciencia dessa notavel individualidade desaparecida, examinando-se-lhe os actos, se nos deparam — aqui, devassas geraes; allí, processos; acolá, a insania de applicar o alvará de 1818...

O mesmo homem oppõe-se ao projecto de perdão e amnistia. Combate a revogação do citado alvará — uma das mais perversas e cruentas invenções da tyrannia. Não tolera a liberdade do pensamento; é, portanto, adverso á independencia da consciencia; quer a subserviencia. Manda processar — *insolentes* — que censuram e falam dos ministros de sua magestade. Desvirtúa a natureza do regimen constitucional, que é da opinião, e a opinião critica, aprecia, approva, ou condemna. Nesse regimen, a responsabilidade dos ministros é uma das garantias da liberdade e, por conseguinte, a critica é um direito do cidadão. Prodigaliza a prisão arbitraria, como o ministro napolitano (17). Victima o deputado, coronel Costa Barros, que com o brigadeiro Moniz Barreto e mais (cerca de 400) brasileiros, fôram todos encarcerados na fortaleza da Lage, *apanhados* na rêde das devassas geraes, por terem uzado do direito da critica...

Deante dessa vergonhosa e deploravel e incrível realidade, fôra preciso a obliteração da consciencia moral e do senso commum para proclamar um ministro que manda praticar, ou tolera taes actos — fundador e sublime apóstolo da liberdade!!!.

As gerações novas, em pleno uzo de sua razão, de certo, não se submettem ao capricho das anteriores. Devem

ter o criterio de julgar com justiça e não se deixam deslumbrar pelas lentes-joulas da *lenda* — essa invenção da phantasia popular, essa crença de fé implicita da ignorancia.

Ora, si a historia, sem exame, sancionasse a mentira da *lenda*, seria indigna de occupar a attenção dos espiritos reflectidos e judiciosos.

A proposta do deputado e afamado orador Antonio Carlos, suscita uma série de considerações, que deixamos de escrever, porque opportunamente as generalizaremos. Por momentos, chamamos a attenção para notar a inexperiencia do mais audaz e pretencioso orador da Assembléa Constituinte. Reparem os leitores na confusão de idéas — imperdoavel num homem que se ostenta versado na sciencia dos publicistas e nas praticas do parlamento inglez.

Acceita por Antonio Carlos, como dogma da doutrina constitucional, a separação dos poderes, é evidente que não cabe á Camara (ramo do poder legislativo) mandar, ou dizer ao executivo que faça ou deixe de praticar certos e determinados actos de sua competencia. O poder legislativo necessariamente critica, examina, censura o executivo e o responsabiliza, mas, em virtude do principio da separação, não lhe póde determinar que proceda desta ou daquela maneira, porque essa ingerencia indebita destruiria ou supprimiria a base do principio da responsabilidade. Ora, si o legislativo intervem nas attribuições do executivo, este, privado da liberdade de acção, deixa de ser evidentemente responsavel. Eis ali o absolutismo, a omnipotencia, qual exerceu a Convenção franceza (18).

Havemos de ver Antonio Carlos prégar frequentemente dogmas constitucionaes e infringil-os constantemente. Verificaremos que não o faz só por volubildade de espirito, mas tambem por confusão de theorias sobre a essencia do regimen de governos. E' assim que se ostenta — ora propugnando pelas attribuições do executivo, ora querendo que se lhe diga, ou ordene isto ou aquillo.

A harmonia entre os poderes é indispensavel (19). Todos os publicistas a ensinam; os estadistas e parlamentares praticam-na. A separação é condição essencial da responsabilidade do executivo e do direito que tem o legislativo (20) de tomar contas; do contrario, um absorveria ou annullaria os outros e prevalecia o absolutismo. A separação e a responsabilidade caracterizam fundamentalmente o regimen parlamentar (21).

Nesta mesma sessão, foi apresentada mais outra proposta pelo deputado Pereira de Sampaio, indicando que a Assembléa — *para marcar o solemne e*

plausível dia de sua installação com o selo da clemencia, decretasse perdão aos desgraçados que se achavam processados criminalmente.

Esse projecto, coincidindo com o de amnistia proposto por Martins Bastos, supra mencionado, naturalmente provoca varias interrogações. Como se praticaram tantas devassas, tantas perseguições, processos e prisões, reconhecidas injustiças, iniquas, de sorte que, para sanar taes males, se pede como remedios perdão e amnistia? Todos estes actos fôram praticados de 16 de janeiro de 1822 até 5 de maio de 1823.

Esse periodo decorrido de 16 mezes é precisamente o do ministerio de José Bonifacio. Será possível que não cessassem as cruezas dos arbitrios da tyrannia?!

As torrentes de processos e perseguições induzem os leitores que lêem, com criterio, a duvidar de que estavam, nesse periodo, os brazileiros livres da tyrannia do regimen de el-rei nosso Senhor... Então foi essa a liberdade com que melhoraram de sorte? Como o *jumento da fabula*, não continuaram a carregar as albardas do despotismo? Os governos de hoje não ouzariam, no Brazil, praticar os actos do ministerio de 16 de janeiro de 1822. A geração actual não toleraria. Nos recentes acontecimentos de 14 de novembro o governo achou-se tolhido e em graves difficuldades, receiando transpor as raias das leis...; mas o ministerio de José Bonifacio estendia a rêde das devassas e, de roldão, encarcerava na Lage centenas de cidadãos que acabavam de labutar pela causa nacional... Quando os brazileiros pelejaram em prol da Independencia, não queriam mais viver sob o jugo do despotismo. O ministerio de José Bonifacio os condemna a soffrer este mesmo jugo... Não, não pôde haver mais cruel irrisão! nem farça mais detestavel!...

As pessoas que endeusam certos homens da Independencia, não conhecem a vida, os soffrimentos, os males, as torturas duma parte da sociedade daquella epocha.

Dizem — proclamou-se a Independencia; despedaçaram-se os grilhões do captiveiro; acabaram-se os horrores do despotismo; agóra, José Bonifacio nos governa com os dictames da razão, com o zelo do patriotismo, com o respeito da justiça!... Somos felizes; não seremos mais victimados. José Bonifacio deu-nos a liberdade e mantem a nossa dignidade de cidadãos livres...

Eis ali o vozear vago, estolido, imaginado da *lenda*. A historia, porém, manuzêa documentos, examina volumosas devassas, discute processos, investiga as causas delles, verifica os attentados contra a justiça; a viola-

ção dos direitos e, alto bom som, assevera que entre os *contos da tradição* e a realidade, ha profunda differença; enfim que o successo historico está inteiramente adulterado. E como quer cabalmente demonstrara verdade, além dos documentos, firma-se na observação psychologica e na analyse dos actos, das idéas e das praticas dos homens. Duas fontes de informações seguras; accrescem-lhes os projectos de perdão e de amnistia, considerados remedios urgentissimos para sanar grandes males e estes brotaram no periodo do ministerio de 16 de janeiro de 1822.

Não affirmamos dogmaticamente, nem pretendemos impor os nossos methodos de estudo; queremos aprender a historia; não é com frivolas narrativas que podemos estudal-a. Urge interpretar as idéas e sentimentos nos factos; com elles, está a verdade historica.

Todo o mundo confessará que as duas propostas de perdão e de amnistia patenteam a horrorosa situação em que se esbatia a população acabrunhada por innumeras prisões, por devassas iniquas sob o governo do patriarcha — guarda e mantenedor da liberdade de seus concidadãos. Ninguem ouza suppor que tão vigilante protector tolerasse a continuação das antigas praticas. Não é possível pensar que elle ignorasse as injustiças, as iniquidades, os martyrios, que affligiam os brazileiros durante 16 mezes do seu governo; e que fôsse preciso que a Camara Constituinte lhe despertasse attenção e viesse reparar tantas injustiças com os projectos de perdão e de amnistia!!!...

A um governo desta laia, talvez, seja applicavel a sentença dum nobre espirito, que serviu a causa da liberdade do seu paiz. Ha, diz elle, governos, em cujas fronteiras se deve gravar, com ferro em braza, o estigma das ignominias de suas hypocrisias; elles professam liberdade e praticam a tyrannia. (22)

A historia não os deixa escapar, não eupunha o thuribulo da *lenda*, procede pela analyse dos factos, reconhece que, no alludido periodo, as liberdades publicas passavam por dolorosas provações.

Não estejamos com ridiculas dissimulações; digamos a verdade. Aquelles que lerem estas paginas, si não fôrem do rebanho de Panurgio, hesitarão em dar-lhe credito, mas, reflectindo, ficarão preocupados á vista das provas evidentes ministradas pelos factos. Os idolatras na incuravel imbecilidade, continuarão a manter o culto sedico... Delles não faremos caso.

Porque acariciar illusões, que corrompem o espirito, desmoralizam a

consciencia nacional, adulteram a verdade?

Porque, hoje, apregoar a José Bonifacio um consumado estadista, quando uunca se occupou do estudo dos phenomenos da vida social e politica; quando só se atarefou com objectos das sciencias naturaes?

Tudo se aprende; o saber é resultante do esforço intellectual. (23) Em que escola aprendeu a sciencia do governo dos povos? Na pratica do despotismo, que regia Portugal? Governar não é tão facil; ao contrario, é *o mais arduo emprego das faculdades humanas.* (24) Sem a experiencia, ninguem pôde ser estadista. Ora, José Bonifacio nunca jámais praticou o exercicio do governo, sinão no Brazil. Teria elle as inspirações do genio? Os resultados não o affirmam; ao contrario, negam. Soube de longe rastrear os vôos dos estadistas de seu tempo? O exame desta questão absolutamente não lhe aproveitaria.

Os contemporaneos da Independencia dividem-se em dois campos: num os panegyristas; noutro, os adversos. Em ambos não se dizem nem se recohecem a verdade e a justiça. Na epocha da Independencia, o Brazil, que saía rude e inculto do regimen colonial, não contava um só homem de Estado; necessariamente não podia prescindir do concurso do eximio naturalista, talvez o espirito mais elevado e esclarecido entre os seus contemporaneos. E a prova dessa carencia de intelligencias capazes de governar e de legislar está: — 1º, no ministerio da Independencia; 2º, na Constituinte, essa reunião de mediocridades, com rarissimas excepções.

Assim mesmo, José Bonifacio fez alguma coisa: lançou por sobre os nevoeiros do cahos as primeiras scintillações do pensamento da organização social — bem, ou mal concebida, embora! Não lhe cabeu as crudelissimas phrases, que pujante organisador e eminente espirito proferiu junto ao tumulto de J. J. Rousseau: — *Il aurait mieux valu pour la France que cet homme n'eut jamais existé.*

Ganharia a causa da liberdade brazileira, si não tivesse tido por instituidor — o glorificado na estatua da praça de S. Francisco de Paula?

As gerações novas não são obrigadas a ter a parvoeza de adorar idolos; ao contrario, teem o poder de analizar os actos e julgar da capacidade dos personagens, que são reputados iniciadores do regimen do governo livre no paiz.

Aquellas gerações teem não só o direito, porém mais competencia, porque, hoje, conhecem melhor a marcha da politica, o muneio do governo, os progressos da civilização dos outros povos. Ora, este conhecimento e ex-

perencia faltavam á geração de 1823, que era noviça e ignorante.

Os debates na Constituinte ácerca do voto de graças, da proposta do padre Alencar concernente á prisão do deputado Costa Barros, dos projectos de perdão e amnistia fôram prolongados, sustentados e combatidos por alguns oradores e por discursadores frívolos, como veremos no seguinte estudo.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Tacito—*Annaes*.

(2) Os antigos chronistas portuguezes, por exemplo, o ameno e inexaurível padre Bernardes.

(3) Bossuet, Fleury.

(4) Niebhur, Rancke, Gervinus, Mommsen na Allemanha; lord Macaulay, Buckle, Stubbs, lord Mahon, etc., na Inglaterra; Guizot, Thierry, Chateaubriand, Michelet, Tocqueville, Duvergier de Hauranne, Taine e outros em França.

(5) Thiers dizia no parlamento: *il n'y a qu'un législateur dans les temps modernes, c'est l'expérience. Discours parlam.*, publiés par Calmon.

(6) Bossuet.

(7) Hallam, *Const. History*; E. May, *Const. History*; Hearn, *Gov of Eng*; Stubbs, *Const. History*; lord Macaulay, *History of Engl.*

(8) Stanhope, *Queen Anne*; Remusat, *L'Angleterre au dix-huit siècle*; lord Mahon, *Hist of Engl.*

(9) Cox Walpole; Ewald, *Life of Walpole*.

(10) Fischel, *Eng Const*; Adolphus, *Hist George III*; lord John Russel, *Life of Fox*; Stanhope, *Life of Pitt*; Freeman, *Gr of Engl Const*; Dicey, *The Privy council*; Parck, *Lectures on the dogmas of the Const*; lord Brougham, *Brit statesm*; Edisson, *Character of Georg III*.

(11) Conferenciou com o marquez de Barbacena e com Gameiro, representantes de d. Pedro, e com o conde de Villa-Real, representante de Portugal, sobre o reconhecimento da Independencia.

(12) Sobre o governo da Restauração—Duvergier de Hauranne e muitos outros historiadores.

(13) O sr. barão Homem de Mello.

(14) Opinião de A. Carlos, já citada.

(15) *Diario da Camara*, sessão de 5 de maio, vol. I, pag. 21 e 22.

(16) *Annaes do Parlamento*, Camara dos deputados, tomo unico, anno I, da 5ª legislatura, sessão dissolvida de 1842, pag. 77.

(17) Delcaretto.

(18) Thiers, *Revol.*; Tocqueville, *Anc. Reg.*; Taine, *Revol.*; o allemão Sybel, *Geschichte der Revolutionszeit*; Bucher et Roux, *Hist. Parl. de la Revol*; Louis Blanc.

(19) Benjamin Constant, *Cours de Polit.*; Rossi, *Cours de Droit*; Stuart Mill, *Gov. Rep.*

(20) Freeman, *Le Devel. de la Const. angl.*; Bluntschli, *Th. du Gouv.*; Thonissen, *Const. Belge*; Littré, *Application de la philosophie positive*.

(21) Bagehot, *Const.*; Disraeli, *Const. veng*; Duc d'Ayen, *Publicistes des Et.-Unis*; Gneist Laugel, *Gouv. Parl.*

(22) Armand Carrel. Vide na *Rev. dos Dois Mundos*, art. do príncipe de Broglie. Obras editadas por Littré; *Um Estudo*, por Nisard — *Critique Litt.* etc.

(23) Sainte-Beuve — *Causeries*.

(24) Guizot — *Hist. Parl.*; Jules Simon — *Et. sur Guizot*; Faguet — *Politiques et Moralistes*; Bardoux — *sur Guizot*; Renan — *Et. sur l'hist. cont.* na «*Revista dos Dois Mundos*».

ACADEMIA BRAZILEIRA

Com os nossos agradecimentos, transcrevemos do *Jornal do Commercio*, de Juiz de Fóra, edição de 18 janeiro, o seguinte artigo do sr. Belmiro Braga, ainda a proposito de ter o nosso director desistido de concorrer á cadeira vaga na Academia Brasileira:

Segundo se deprehe de uma gentil resposta que lhe aprouve dar-me na sua brilhante revista os *Annaes*, Domingos Olympio «eliminou a immortalidade do quadro de suas aspirações.»

Confrangeu-se-me o coração á leitura desta meia duzia de palavras — pequenino fragmento de crystal a espelhar, inteira, a alma impolluta de um homem de bem.

Depois das duas ultimas eleições de nossa Academia de Lettras, compreendendo bem a attitudo nobre e digna do auctor do *Luzia-Homem* não concorrendo mais aos seus pleitos.

A onda negra da cabala eleitoral já subiu até lá e as suas cadeiras — illuminadas pelos nomes mais illustres de nossa historia litteraria — não estão mais ao alcance daquelles que se tornaram dignos dellas pelo seu talento, cultivo e trabalho. Não! São hoje apenas *presentes de festas* de que os ministros se servem para os seus amigos do peito.

Domingos Olympio andou admiravelmente voltando as costas áquella pretensão.

A coisa cheirou-lhe a beija-mão, e a espiritos da tempera do seu—inteiriço e inquebrantavel — repugna toda a especie de favores. Apparelhado para transpor a porta larga do Templo, recuza a entrada pelas portinholas da sacristia.

A Domingos Olympio, pois, todos os meus sinceros applausos por esta acertada deliberação. — BELMIRO BRAGA.

ORGANISAÇÃO DEFENSIVA DAS COSTAS

O artilhamento permanente da costa caracterizava-se antigamente pela latitude da sua applicação: qualquer bahia, porto, enseada, todo o recanto ou ponta, recebia baterias para a sua protecção. Uma tal liberalidade defensiva encontrava justificado fundamento na simplicidade dos meios empregados e na influencia e imperfeição

dos elementos marítimos, os quaes determinavam essa extensão da defeza fixar ao maior numero de pontos para dar apoio ou simples refugio ao navio amigo, a todo o momento, ou negal-o ao adversario, quando acossado pelas más condições do mar.

Mas ao lado dessa prodigalidade votada á organização defensiva do littoral, havia tambem a preocupação de centralizar os esforços em locais determinados, de maior importancia, cuja posse ou destruição redundasse em ganho de causa, parcial ou completo, para o atacante. Nesses pontos, as obras accumulavam-se, cresciam de valor, dispondo-se para uma acção mais efficaz, não decisiva, contra o inimigo que tentasse o acesso ou forçamento do local sob sua guarda.

O primitivo systema applicado á defeza fixa das costas está hoje completamente abandonado, sendo unanimes todas as opiniões na acceitação do aspecto opposto — da protecção intensiva do littoral.

Concebe-se perfeitamente que, deante da complexidade pessoal e material dos seus elementos, a fortificação contemporanea muito soffreria com semelhante disseminação de esforços. Além disso, seria desnecessaria a persistencia desse systema, porque a maioria dos pontos situados na costa, quer habitados, quer não, e nas condições actuaes da guerra costeira, não apresentam gráu de importancia sufficiente que justifique a distracção de grandes sommas de recursos para a sua defeza.

Accrescem, finalmente, as exigencias das esquadras modernas na obtenção e conservação dos seus elementos vitales, principalmente durante o periodo agudo da lucta, em que, assumindo maior intensidade, difficultam, e muito circumscrevem, os locais susceptiveis de serem apropriados em seu beneficio. Nem todo o recanto da costa, embóra dotado de condições de abrigo, pôde ser occupado, pois, para isso, precisa de outras disposições e recursos que não se deparam com facilidade.

Nas nossas costas, por exemplo, em que as communicações terrestres, apparecem com caracter muito primitivo e, por essa razão, extremamente difficeis, e ainda impraticaveis, e em que não ha grande abundancia de recursos de vida, não nos importa, de baixo do ponto de vista puramente militar, que o inimigo encontre facilidade de acesso em muitos pontos. As precarias condições da sua situação e a impossibilidade de uma acção qualquer para internar-se no paiz afim de levar o ataque aos grandes centros, tornariam de resultado nullo uma tal tentativa.

E ainda, quando esse aconteci-

mento, em casos excepçionaes, concorresse para trazer-lhe alguma vantagem no conseguimento de operações posteriores, bastaria que a esquadra amiga, senhora do mar, se antepuzesse aos seus intentos, conservando-o em constante inquietação, quer por ataque directo na sua estação, quer prohibindo a franca navegação de seus navios-transportes.

A fortificação costeira, portanto, em vez de constituir uma linha ininterrupta de obras bordando a orla marítima, limita-se á defeza dos portos com verdadeira importancia militar e aos que, embóra destituídos desse caracter, se tornam de capital interesse de conservação para a vida economica do paiz pelo seu desenvolvimento commercial.

Os demais encontrarão soccorro, em falta das condições naturaes, na pequenez da sua importancia e no elemento movel da defeza.

Obedecendo a esse criterio, todas as nações do mundo teem estabelecido a defeza permanente das suas costas.

Assim a Inglaterra, nação marítima por excellencia, que á grandeza da sua esquadra deve a manutenção do seu territorio, parallelamente aos constantes e sollicitos cuidados que dispensa á sustentação do seu predomínio naval, trata de fortificar o littoral, tanto na metropole como nas possessões, convencida do papel preponderante e decisivo da fortificação costeira na defeza do paiz. As praças fortes de Plymouth e Portsmouth, no mar da Mancha, constituem exemplos dos seus poderosos nucleos armados.

A França, abandonando egualmente o antigo systema da multiplicidade dos pontos fortificados, agglomera os seus recursos de defeza, apresentando como principaes praças fortes Cherbourg e Brest, em opposição ás suas visinhas fronteiras, e Toulon, sobre o Mediterraneo, como base de toda a sua acção naval nesse mar.

A Allemanha occupa incontestavelmente a vanguarda nesse assumpto. Ella possúe a maior e a mais formidável defeza, porque, além da sua vastidão, comprehende tudo quanto de mais adeantado existe a respeito. A maior parte das suas obras obedecem aos modernos principios que presidem a essas construcções e estão armados com artilharia de assignalada potencia. Como complemento dessa admirável defeza, corre ao longo do littoral uma linha ferrea strategica, ligando-se a vinte outras linhas que se dirigem para o interior do imperio. Os seus mais importantes centros fortificados são Kiel, sobre o Baltico, e Wilhemshaven, no Mar do Norte.

No nosso continente, os Estados Unidos da America do Norte levam

avante o seu programma da fortificação de trinta portos.

De modo identico, apontam-se, na Italia, Spezia, Veneza, Tarento e Magdalena; na Austria, Polo e Trieste; na Russia, Cromstadt, Sebastopol e Nicolayef; na Dinamarca, Copenhague; na Belgica, na Hollanda e, finalmente, nos demais paizes do mundo.

A succinta apreciação, que ahi fica, prova que, em todas as nações, quer nas de grande poder naval, quer nas de limitados recursos marítimos, a organização defensiva das costas pela fortificação, merece cuidados tão especiaes como a manutenção do elemento naval.

Apezar das impertinentes e irracionaes accusações dos seus obstinados contradictores, que reduzem as operações contra a costa unicamente á lucta no mar alto, a fortificação costeira se affirma tão indispensavel á defeza como o elemento marítimo.

Abraçadas as boas normas reguladoras da sua existencia; banidas por completo as luxuosas installações; respeitadas, emfim, as condições do meio, as despezas feitas pela nação, serão largamente compensadas no momento critico pela garantia da vida economica do paiz, pela protecção officaz das suas cidades principaes, dos seus estabelecimentos importantes, publicos e particulares, e, finalmente, — o que só por si bastaria para assegurar o valor da fortificação — pelo apoio efficaz offerecido á esquadra amiga, permittindo-lhe avançar com segurança contra o adversario, persegnil-o ou anniquilal-o — o que significa, em definitiva, augmentar a sua capacidade offensiva.

TENENTE MAX.

—  —
O ALMIRANTE (67)

—
ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

—
CAPITULO XXII

Momentos depois, ella entrava no *chatô*, pé ante pé; as saias arrepanhadas para evitar o ruido das sédas, subiu ao sobrado e foi direita á marquezia, que se conservava no mesmo logar, immovel, prescrutando com estranha vivacidade os menores rumores dentro da bibliotheca. Dolores ajoelhou-se junto della, abraçou-a, beijou-lhe as mãos, as faces, amimou-a numa caricia suave e manteve-lhe longo tempo a cabeça apoiada ao seio, arfando ao rythmo do coração agitado.

—Que desgraça, filha!—murmurou a marquezia, reanimada pelo terno contacto—Pobre Oscar!

Marianinha e d. Eugenia se entreolharam surprehendidas: a marquezia parecia calma, restaurada daquella angustiosa attitude de anciedade e sobresalto. Lembraram a recommendação do medico e pediram a Dolores ajudal-as a demover a marquezia daquelle logar tão proximo do quarto do doente. As tres insistiam com maneiras muito carinhosas, quando se abriu, de manso, a porta e o semblante risonho de Hortencia assomou entre as cortinas.

A' muda interrogação das quatro senhoras, ella respondeu segredando as palavras:

—Oscar váe bem. Despertou, murmurando o seu nome, Dolores; aperitou-me a mão, perguntou pela querida mãesinha e, como eu lhe recommendasse silencio, sorriu e obedeceu como uma creança. Mas elle teimou em ver-te, Guilinha. Não sei si deva.

A marquezia ergueu-se, concertou os cabellos sobre a fronte e entrou acompanhada pela moça que, em vão, tentára detel-a. Oscar viu-a e estendeu-lhe de longe a mão. Ella aproximou-se, aparentemente calma, curvou-se de manso e osculou-lhe a fronte tepida.

—Como te sentes? — murmurou, com a vóz estrangulada.

—Bem, muito bem, minha querida.

—Deus seja louvado—geheu ella, num longo suspiro, erguendo para o tecto os bellos olhos esmaltados de lagrimas contidas.

—Váe repouzar, querida mãesinha. Peço-t'o — supplicou Oscar, conchegando-lhe as mãos ao peito — Váe repouzar. Sim?

A marquezia beijou-o de novo e saíu devagar, acompanhada sempre por Hortencia.

—Don-lhe parabens—disse d. Eugenia a Dolores, cujos olhos se fixaram na cortina ondulante, fechada sobre a marquezia — A senhora teve o condão de arrancar de uma situação que nos inquietava aquella pobre creatura allucinada de dôr. Si Oscar lhe vier a faltar, quebra-se o unico laço que a prende a este mundo. Seria uma desgraça irremediavel: ella não resistiria.

Dolores não respondeu. No seu espirito se reconstruía a scena da vespera, a torturante noite que passára, agitada por indefinido presentimento, uma inquietação que não podia explicar. Aquelle beijo lhe accordára instinctos adormecidos, revoltados em excitações passageiras que desfalleciam numa fadiga invencivel, desesperadas tentativas desmaiando ante o impossivel, relampagos de volupia que duraram um instante de sonho, de esperança e se apagavam em remissões cada vez mais prolongadas. Ella se julgava incapaz de amar o

homem tanto tempo desejado, de amal-o com essa paixão sem limites, superior aos freios do senso moral, aos obstaculos da consciencia, das leis, das convenções, paixão insaciavel numa intensidade progressiva até á loucura, até á morte. Em vez disso, se lhe figurava transformar-se em fel nos labios o licor anhelado, despertando-lhe uma forte impressão de repugnancia: era um supplicio tantalico o desse gozo iniciado, interrompido, sempre fugitivo, deixando-lhe essa horrivel impressão da fuucção imaginaria, attribuida, integra, a um órgão amputado. Ella se sentia incapaz de se abraçar nas chammas deliciosas, cujo lar quasi apagado nas suas entranhas, despedia apenas ephemerasscentelhas. Seria terrivel auar Oscar como ella amava o marido, numa passividade astuciosa de meretriz, amar sem alma, sem amor. E vinha ao cerebro conturbado, como o acicate de um remorso, a imagem dessa misera baroneza de Freicho, morrendo aos pedaços, á compressão de uma atrophia irremediavel. Era a punição a lembrança daquella victima do crime nefando de leza maternidade, crime que ella perpetrára tambem e cujas consequencias se revelaram ao primeiro contacto do homem querido que jazia a alguns passos e que ella não ouzava ver, marcado pela fatalidade daquelle beijo, o derradeiro grito dos seus instinctos femininos. Tudo aquillo, porém, poderia ser effeito dos seus nervos combalidos.

Quando lhe deram a noticia do desastre, ella vibrára de surpresa. Passou-lhe pela cabeça a perversa idéa de que a morte de Oscar seria uma solução providencial, desapareceria o homem que seria para ella uma tortura permanente. Entretanto, o seu coração lhe palpitava célere entre a ancía e o terror de vel-o, vacillação cruel, vencida, afinal, por um grande impulso de energia. Partiu como quem váe cumprir um doloroso dever, levando o coração maguado por um golpe subito, compadecido pelo infortunio de Oscar, piedade que a fez supportar a aggressão de Amelia, piedade que a impedia de ter ciúmes da intimidade de Hortencia junto do ferido.

Marianinha lhe notára a lividez do rosto, das orbitas negras que cercavam os formosos olhos animados por fulgores melancolicos e fixados como olhos que não vêem na direcção da porta da bibliotheca.

— Você está commovida, Dolores? — disse-lhe brandamente — Não é para menos uma surpresa destas.

— Tenho alguma coisa aqui — respondeu ella, levando as mãos ao seio — uma coisa que me obstrue, um corpo estranho... Que susto!..

As palavras lhe saíam dos labios aos pedaços, em jactos explosivos.

— E' do susto — affirmou Marianinha, offerendo uma colher do calmante receitado para a marquezia — Tome este remedio que alliviará.

— Obrigado — murmurou Dolores, obedecendo.

D. Eugenia seguira com a marquezia para o quarto de dormir de Oscar, com as janellas abertas, amplamente ventilado, um recanto silencioso onde ella poderia reponzar, durante a noite, cujas soubbras já invadiam leutamente os aposentos silenciosos.

Quando se viu só na penumbra, Dolores ergueu-se, dirigiu-se de mauso para a porta da bibliotheca e, pela cortina entreaberta, contemplou demoradamente, suffocando os soluços, as duas figuras de um quadro doloroso — Oscar, muito pallido estirado uo sofá; Hortencia, recostada numa poltrona, junto de uma pequena meza de laca vermelha marchetada de madreperola, tinha os olhos fixos uo rosto do doente, illuminado pela frouxa luz coada através de um abat-jour de sêda verde. Aquelle tristonho quadro se lhe figurou o de uma camara mortuaria. Ella estendeu a mão um gesto de supremo adeus e partiu murmurando:

— Não posso, não posso mais...

(Continúa).

XADREZ

O XADREZ NO ESTRANGEIRO

Realizou-se pelo telegrapho, entre Berlim e Nova York, um grande *match* com o seguinte resultado:

Nova York:		Berlim:	
Davidson.....	1/2	Caro.....	1/2
Phillips.....	0	B. Lasker.....	1
Finn.....	1/2	Schallop.....	1/2
Koehler.....	1	Lewitt.....	0
Roething.....	1	Post.....	0
Simonson.....	1	Rauneforth....	0
	4		2

Fôram, pois, jogadas 6 partidas entre os dois campos; de um lado, o Manhattan Chess Club; e do outro, a Berliner Gesellschaft. O imperador da Allemanha mandou felicitar o vencedor. Foi arbitro o campeão do mundo dr. E. Lasker.

— No proximo mez de fevereiro, haverá em Stockholmo um torneio de mestres e amadores.

— Entre o City of London Chess Club e o Metropolitan Chess Club, realizou-se a 11 de novembro ultimo, em Londres, um grande *match* com 50 jogadores de cada lado. Coube a victoria ao City of London que ganhou 34 partidas.

— O velho Blackburne percorreu, ha pouco diversas provincias da Inglaterra dando sessões frequentes com um extraordinario successo. Em Manchester, em tres clubs, jogou 64 partidas com o resultado de 46 ganhas, 12 nullas e 3 perdidas.

— Parece incrível que em S. Petersburgo, no momento actual, de convulsão social, se cuide de xadrez. De 22 de outubro a 29 de novembro, realizou-se na Assembléa

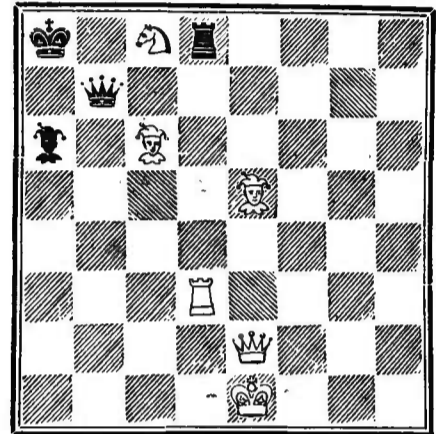
Enxadrista de S. Petersburgo, um torneio de jogadores de 1ª classe, cabendo o 1º premio a L. Nikolski; o 2º a Ch. Rosenkrantz; o 3º e 4º a Ewtifeiew e B. Malioutine. O 4º torneio de mestres começou a 2 de janeiro, com 20 concurrentes, havendo oito premios de 500 a 25 rublos. O ministro do Interior, (e digam que o xadrez não concorre para a pacificação dos povos) concedeu aos jogadores israelitas que quizerem participar do torneio, auctorisação de residir em S. Petersburgo, emquanto este durar.

**

PROBLEMA N. 34

Th. Dimitri Reich (S. Paulo)

PRETAS (4)



BRANCAS (6)

Mate em dois lances

**

PARTIDA N. 36

(Jogada no torneio de S. Paulo, 1905)

CONTRAGAMBITO GRECO

Branças (Souza Campos)	Pretas (F. de Godoy)
P 4 R — 1 —	P 4 R
C 3 B R — 2 —	P 4 B R
C X P — 3 —	C 3 B D
D 5 T x — 4 —	P 3 C R
C X P C — 5 —	C 3 B
D 4 T — 6 —	T 1 C R
C X B — 7 —	C 5 D
C 3 T (a) — 8 —	T 5 C
D 6 T — 9 —	T X P R x
R 1 D — 10 —	C 5 C (b)
D 5 T x — 11 —	R X C
P 3 D — 12 —	C X P B R x
R 2 D — 13 —	T 5 T
D X T (c) — 14 —	D X D
T 1 C R — 15 —	D X P T
R 3 B — 16 —	D X T
R X C — 17 —	C 5 C x. d.
R 3 B — 18 —	D 4 B x
R 3 C — 19 —	P 4 T D (d)

(a) Não gostamos absolutamente deste lance. 8 — B 3 D ou R 1 D diminuiria um pouco a violencia do ataque das Pretas.

(b) As Pretas condúzem o ataque com grande vigor.

(c) Forçado. As Brancas podiam aqui abandonar a partida, porque não lhes resta mais nenhum recurso.

(d) Diz uma nota que esta partida se prolongou até ao 39º lance, em que as Pretas deram mate! E' pouco commum em um torneio levar-se tão longe a esperanza, como nesta partida fazem as Brancas.

**

Tacito & Lipman. — Recebemos e publicamos hoje o de Dimitri. Ambos muito interessantes.

Dr. Mauricio Levy. — Agradecemos e retribuimos. Sempre ao seu dispôr.

**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 33 (Rev. Gilbert Dobb): D 2 R.

JOSÉ GETULIO.